

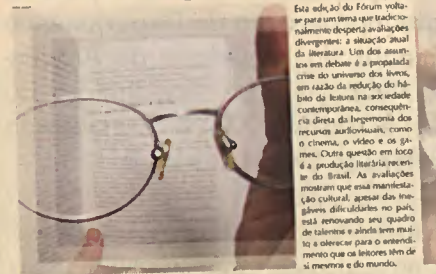


TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO Do câmpus para o campo

Suplemento do
Jornal unesp

Fórum

Produção literária em tempos difíceis



Esta edição do Fórum volta-se para um tema que tradicionalmente desperta as atenções divergentes: a situação atual da literatura. Um dos assuntos em debate é a propalada crise do primeiro dia literário, em razão da redução do hábito da leitura na sociedade contemporânea, concomitante à perda da herança da tradição literária, como a poesia, o vídeo e os games. Outra questão em foco é a produção literária recente no Brasil. As avaliações mostram que essa manifestação cultural, apesar dos inúmeros desafios, não parou, mas renovou seu quadro de talentos e ainda tem muito a oferecer para o entendimento que os leitores têm de si, memórias e do mundo.

Novos rumos para a velha crise de literatura
Maurício Souza

**Olhares sobre
a literatura**

Um arsenal que inclui sites, softwares e diversos dispositivos eletrônicos começa a expandir as perspectivas das atividades tradicionais dos produtores rurais **Págs. 8 e 9**

TRANSPORTES

Geógrafo analisa Hidrovia Tietê-Paraná para criticar opção rodoviária do Brasil

Pág. 3

IDOSOS

Psicóloga avalia ensino na terceira idade e Unesp fornece serviços a funcionários públicos

Pág. 6

DESIGN

Estudantes de Bauru vencem Imagine Cup, competição internacional da Microsoft

Pág. 14

IMIGRAÇÃO

Com mapas e números, atlas delinea situação de estrangeiros entre 1850 e 1950

Pág. 16

Extensão universitária e superação da dicotomia teoria-prática

LORIZA LACERDA DE ALMEIDA

A universidade contemporânea é reconhecida por ser construtora de conhecimentos e de ciência, porque “desde o século XIX, a universidade pretende ser o lugar por excelência da produção de conhecimento científico. Não admira, pois, que a sua reputação seja tradicionalmente medida pela sua produtividade no domínio da investigação”, que se tornou historicamente o fundamento e a razão de ser da universidade (SANTOS, 1996, p. 199). Entretanto, esta ideologia entra em colapso no pós-guerra e nos anos 1960. Fortemente influenciada pelo movimento estudantil, surge a reivindicação pelo comprometimento da universidade na resolução de problemas econômicos e sociais. Assim, ela também se sensibiliza com estas questões da sociedade, da qual é parte integrante, e, desta forma, se expande no cumprimento de tarefas pouco tratadas em seu cotidiano.

Todavia, ao assumir os apelos pelo atendimento de demandas sociais, explicitou a dicotomia teoria-prática, porque se baseava na atenção a dois tipos distintos de problemas: 1) os de exigência de desenvolvimento tecnológico, usando a ciência a favor das forças produtivas (vertente economicista); e 2) exigências de cumprimento da responsabilidade social da universidade perante os problemas do mundo (vertente sociopolítica).

Na segunda perspectiva, a universidade inicia sua participação em processos emancipadores da sociedade, propondo estratégias possíveis de construção da cidadania e de melhora da qualidade de vida da população, através da extensão universitária, muitas vezes sedimentada na teoria freireana, na qual “[...] os homens são seres do ‘que-fazer’ porque seu fazer é ação e reflexão. É praxis. É transformação do mundo” (FREIRE, 1980a, p.145). Como resposta à dicotomia teoria-prática, a extensão universitária (assim nomeada em função de sua capilaridade junto às comunidades) vem se fortalecendo através de seu envolvimento com diversos desafios, quer seja pela multiplicidade de atores envolvidos, pelos distintos segmentos sociais que demandam ações, quer seja pelas parcerias estabelecidas com os setores públicos e empresariais. Para o desenvolvimento das ações em tão complexo campo de atuação, enfrenta a necessidade de reconstruir a relação teoria-prática, buscando diálogo entre os diferentes saberes, que, segundo Freire, se traduz em um processo de caráter eminentemente pedagógico e, por isso mesmo, transformador.

Atualmente, a existência da extensão na universidade é substantiva, porque permite forjar novos laços sociais – que se constituem a partir do envolvimento dos professores, alunos e comunidade, e, nesta situação, novas teias de informação são construídas a partir desta realidade vivida, dando espaço ao que Freire sempre considerou a verdadeira ação pedagógica, ou seja, aquela que se materializa nas trocas entre diversos saberes: o científico, o prático e o de senso comum. Esta relação entre seres imbuídos de diferentes experiências e portadores de diferentes saberes, que se articulam e formam uma nova consciência, só é possível dentro da extensão universitária, cuja natureza permite e facilita a aproximação entre os sujeitos sociais. [...]



Daniel Patire

Apenas e tão-somente na extensão universitária é possível desenvolver metodologias participativas, criando espaços flexíveis e democráticos de desenvolvimento dos saberes, contando com a efetiva participação da comunidade, não como coadjuvante, mas sim como elemento central do processo de construção dos novos saberes. Assim, a socialização e a democratização da ciência em favor das necessidades da comunidade é uma exigência e ao mesmo tempo uma possibilidade criada pela extensão. Certamente, esta é apenas uma face da extensão universitária, a que consideramos mais adequada aos propósitos da transformação social. É nesta abordagem que entendemos a necessária indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, ou seja, de forma associativa, estes saberes interagem gerando um novo produto, que é a síntese do processo articulador. [...]

Os projetos de extensão universitária desenvolvidos por professores e estudantes universitários, para serem caracterizados como um espaço de prática acadêmica – fundamental para a articulação entre o ensino, a pesquisa e a extensão –, devem atender a quesitos básicos, tais como: realizar parcerias com setores da comunidade interna e externa; gerar produções acadêmicas, publicadas especialmente nos veículos reconhecidos pela comunidade acadêmica, garantindo sua visibilidade; apresentar propostas inovadoras para os problemas das comunidades, gerando novas soluções para velhos problemas; estabelecer articulação entre teoria e prática, gerando novos saberes e sistematizando metodologias de ação, constituindo-se em uma pedagogia problematizadora; apresentar relevância social e forjar um conhecimento novo, com vistas a formular respostas com e para a comunidade. Certamente, a extensão universitária, para ocupar seu lugar de destaque, deve oferecer ao conjunto das práticas universitárias já bem estruturadas, como é o caso da pesquisa e do ensino, a construção de uma política pedagógica do conhecimento, ou seja, deve fundar um campo de saber especializado que, articulado com os demais campos, se fortalecerá no conjunto da experiên-

cia pedagógica. Assim, poderá romper fronteiras e preconceitos estabelecidos, talvez pela falta de publicação de seus resultados e de uma melhor sistematização de suas ações.

O estabelecimento deste novo fazer pedagógico, apropriado pela prática extensionista e fundado na compreensão crítica do ato de ensinar-aprender, pode construir um conhecimento específico, a serviço da comunidade. A universidade, dessa forma, viabiliza o compromisso de colocar a ciência a serviço dos distintos segmentos sociais e, através disso, se compromete com uma concepção de ciência como resultado de um efetivo processo de trocas entre a extensão, a pesquisa e o ensino.

FREIRE, Paulo. *Conscientização*. São Paulo: Cortez e Moraes, 1980a.

_____. *Pedagogia da indignação. Cartas e outros escritos*. São Paulo: Unesp, 2000.

_____. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980b.

_____. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980c.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela mão de Alice - O social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1997.

Loriza Lacerda de Almeida (loriza@faac.unesp.br) é doutora em Sociologia e professora do Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação; foi vice-diretora da Faac (2000-2004) e, desde 2005, é assessora da Pró-Reitoria de Extensão Universitária.

A íntegra deste artigo está no “Debate acadêmico” do Portal Unesp, no endereço http://www.unesp.br/aci/debate/dicotomia_loriza.php

Este texto não reflete necessariamente a opinião do Jornal Unesp.

Excepcionalmente, não publicamos nesta edição o Editorial.

A importância do transporte pelo rio

Geógrafo focaliza exemplo da Hidrovia Tietê-Paraná para criticar dependência brasileira de rodovias

A Hidrovia Tietê-Paraná e a integração dos diversos meios de transporte no Estado de São Paulo foram o tema da dissertação de mestrado do geógrafo Nelson Fernandes Felipe Júnior, da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), câmpus de Presidente Prudente. A pesquisa apontou a contribuição do transporte através da rede hidrográfica para o desenvolvimento e a criação de empregos diretos e indiretos.

A Hidrovia do Tietê teve início em 1981, com o escoamento regional de cana-de-açúcar. Contudo, somente dez anos depois, a navegação fluvial de longa distância tornou-se possível, somando aproximadamente 2,4 mil quilômetros pelos rios Piracicaba, Paranaíba, Grande, Tietê e Paraná. Esse sistema engloba os Estados de São Paulo, Paraná, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais, interligando áreas das Regiões Centro-Oeste, Sul e Sudeste, além do Paraguai. (Veja mapa.)

A rede é composta por quatorze portos intermodais (que ligam as hidrovias a rodovias e ferrovias), dos quais os mais importantes são Pederneiras (SP), Jaú (SP), Anhembi (SP), Santa Maria da Serra (SP) e São Simão (GO). Os principais portos estão conectados a uma ferrovia (da MRS Logística, em Pederneiras) e às Rodovias João Ribeiro de Barros (região de Jaú e Pederneiras), Samuel de Castro Neves (entre Anhembi e Santa Maria da Serra) e Geraldo de Barros (que liga Anhembi a São Pedro).

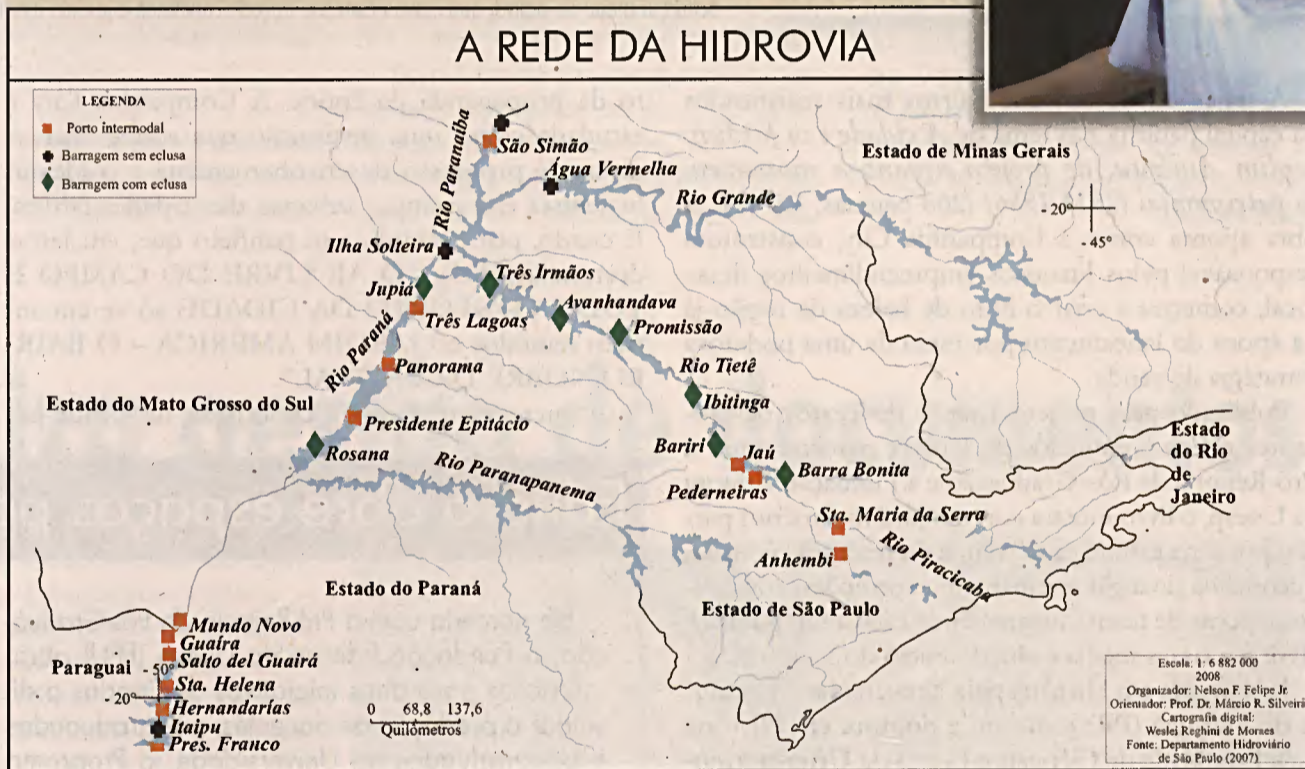
O sistema inclui também oito barragens com eclusa (que permite aos barcos se movimentarem pelos rios em locais com desníveis de altura) e quatro barragens sem eclusa. Atualmente, de acordo com a pesquisa, os principais produtos transportados são cana-de-açúcar, soja, farelo de soja, sorgo, milho e trigo. “A Hidrovia Tietê-Paraná demonstra que esse meio de transporte passou a ser uma estratégia viável para aumentar as conexões espaciais e a circulação material”, comenta Felipe Júnior.

Vantagens e problemas – O geógrafo enfatiza o estímulo às hidrovias como alternativa para o crescimento econômico e a redução das desigualdades regionais. Essa opção proporciona, de acordo com o especialista, baixo preço de frete, grande capacidade de transporte de cargas, menor degradação ambiental, redução dos congestionamentos e dos atrasos na entrega das mercadorias. “São também gerados empregos na limpeza dos terminais, operação de máquinas, prestação de serviços de transporte, manutenção de equipamentos, embarcações e vagões, entre outras atividades”, diz.

As hidrovias, no entanto, apresentam carências como a infraestrutura de portos, que são pequenos e



Por Felipe Júnior, o opção hidroviária tem vantagens como baixo preço de frete, grande capacidade de transporte e menores danos ambientais



com muitas limitações, segundo o pesquisador. “Outras dificuldades são os canais de eclusagem estreitos e pontes que atrapalham o transporte hidroviário por serem muito baixas”, comenta. Na sua opinião, um maior investimento em construções de eclusas, canais artificiais, barragens e sinalizações de navegação poderia viabilizar os fluxos de mercadorias.

Apesar dos benefícios do sistema hidroviário, segundo o geógrafo, muitas empresas ainda optam pelas rodovias, o principal recurso para o deslocamento de mercadorias e pessoas no país (veja quadro). “O transporte rodoviário eleva o custo final das mercadorias e, em muitos casos, possui condições ruins de tráfego e sinalização”, argumenta.

Felipe Júnior assinala que alguns fatores explicam a escolha, como o predomínio da infraestrutura de estradas, que garante a articulação entre o Interior e o litoral. “O sistema rodoviário exige menor custo para implantação e possui maior flexibilidade; já a hidrovia deman-

da maior investimento para instalação”, compara.

Apoio à integração – A rede ferroviária é também uma boa opção, na avaliação do geógrafo. “Ela é apropriada para transportar uma variedade maior de produtos, possibilita o transporte de passageiros e viabiliza a redução dos congestionamentos nas principais rodovias brasileiras”, diz. Ele acrescenta, porém, que a malha ferroviária ficou obsoleta e sofreu desativação de vários trechos pelas empresas que receberam concessões no setor de transportes, na década de 1990.

O especialista conclui que a melhor opção para o Brasil é a intermodalidade, com uma integração adequada entre hidrovias, rodovias e ferrovias. “Essa interação permite condições mais favoráveis para o funcionamento de vários modais, ou seja, modalidades de transportes, em seus aspectos operacionais, comerciais e logísticos”, acentua.

Fabiana Manfrim

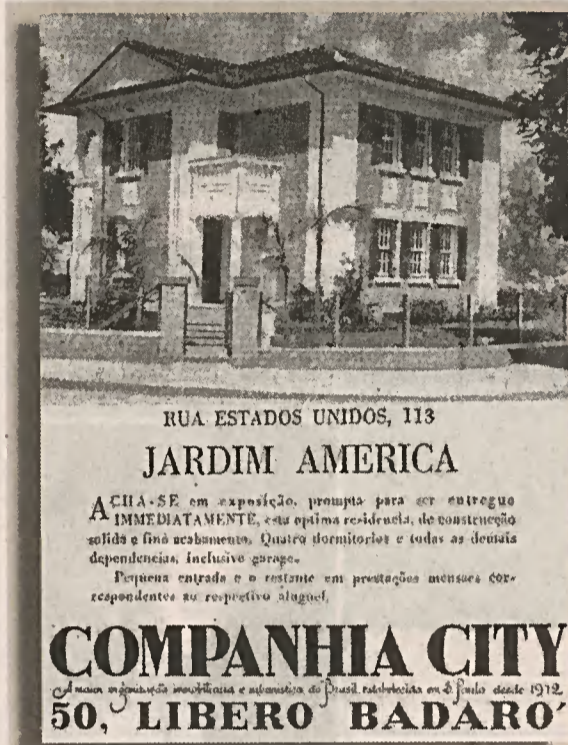
Custo e participação

Apesar de apresentarem um custo maior de transporte, as rodovias são de longe a alternativa viária mais usada no país.

Tipo de frete	Custo da tonelada por km (US\$) (2008)	Participação no transporte nacional (2005)
Rodoviário	41,00	60,0%
Ferrovário	24,00	20,1%
Hidroviário	14,00	14,3%

Jardim América, bairro inglês em SP

Gênese e mudanças de um dos empreendimentos mais luxuosos da capital paulista são tema de livro



Ao lado, cortoz produzido dentro do estratégia de propogondo Componhio City; acima, o mopo do boirro, que inovou com seu troçoado curvilíneo e jardins internos



A trajetória de um dos bairros mais sofisticados da capital paulista é o tema de *A cidade e os Jardins: Jardim América, de projeto urbano a monumento patrimonial (1915-1986)* (268 páginas; R\$ 40). A obra aponta como a Companhia City, construtora responsável pelos luxuosos empreendimentos desse local, começou a criar o mito de beleza da região já na época do lançamento por meio de uma poderosa estratégia de venda.

Publicado pelo projeto Edição de Textos de Docentes e Pós-Graduados da Unesp, parceria entre a Pró-Reitoria de Pós-Graduação e a Fundação Editora da Unesp, o livro mostra como o Jardim América passou por uma estratégia de venda de terrenos pioneira, que incluía divulgar a região em exposições, congressos e peças de teatro, lugares onde estava seu público-alvo: as classes média e alta do início do século XX.

Licenciada em História pela Universidade Estadual de Maringá (PR) e mestre e doutora em História pela Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, câmpus de Assis, Zuleide Casagrande de Paula conta que o bairro tem a sua origem nos planos do britânico Barry Parker de trazer ao Brasil o projeto das cidades-jardins, bairros inspirados na arquitetura inglesa que agregavam o bucólico e o urbano em um mesmo espaço.

É lembrado que o autor do movimento cidade-jardim foi o inglês Ebenezer Howard. Ele viveu entre o final do século XIX e o início do XX, período de profundas transformações sociais, políticas e culturais, que incluíam a reconfiguração urbana de cidades como Londres.

Propaganda – O Jardim América se distanciava de outras localidades por ter sido “o primeiro com traçado curvilíneo e jardins internos, arborização de ruas em integração com a das residências, praças e cercas vivas, oferecendo ao morador e transeunte uma paisagem acolhedora”.

A autora mostra as estratégias de convencimen-

to da propaganda da época. A Companhia City é estudada como uma instituição que soube aliar as ideias de progresso desenvolvimentista e o ideário higienista das práticas urbanas das cidades-jardim. É citado, por exemplo, um panfleto que, em letras destacadas, dizia: “O AR LIVRE DO CAMPO E TODO CONFORTO DA CIDADE só se encontram reunidos no JARDIM AMÉRICA – O BAIRRO NOBRE DA CAPITAL”.

O interessante é que a concepção de cidade-jar-

dim, ao ser aplicada no Brasil, assim como em outros países, sofreu adaptações. Em São Paulo, ela se afastou bastante da proposta inicial, principalmente pela perda dos jardins internos das casas, que chegaram a ser chamarizes para os compradores potenciais dos lotes. Embora tenham-se perdido ao longo do tempo, contribuíram no imaginário dos próprios moradores locais para o tombamento, em meados dos anos 1980, do bairro Jardim Europa, com o América a reboque.

Oscar D'Ambrosio

Editora abre espaços para produção acadêmica

Em parceria com a Pró-Reitoria de Pós-Graduação, a Fundação Editora da Unesp (FEU) abriu inscrições para duas iniciativas destinadas a divulgar a produção de docentes, pós-graduandos e pós-graduados da Universidade: o Programa de Publicação de Textos e o Programa de Publicações Digitais, que acaba de ser lançado. Até o final de 2009, o Programa de Publicações Digitais prevê o lançamento de 54 novos livros nas áreas de Ciências Humanas, Ciências Sociais e Aplicadas e Linguística, Letras e Artes.

A seleção dos trabalhos é realizada pelos Conselhos de Programas de Pós-Graduação, que analisam produções de 2007, 2008 e 2009. Cada Programa pode inscrever, até o dia 10 de agosto, dois livros. A FEU é responsável pela produção editorial e as obras serão lançadas sob o premiado selo

Cultura Acadêmica. Os títulos serão editados em formato digital e disponibilizados na Internet no formato creative commons.

Mais informações sobre o Programa estão no site <http://www.unesp.br/progp/livrosdigitais/>

Por meio do Programa de Publicação de Textos, a FEU também agrega as melhores produções em Humanas, Exatas e Biológicas, de docentes e pós-graduados da Unesp, pelo selo Cultura Acadêmica. As inscrições para o Programa de Publicação de Textos, cujas obras são selecionadas pelo Conselho Editorial Acadêmico, estão abertas até o dia 18 de agosto, e devem ser feitas pelos autores. Os livros selecionados em 2009 serão publicados até 2011 em meio digital (pelo sistema copyleft) e em meio físico para impressão sob demanda.

Mais informações estão disponíveis em: http://www.editoraunesp.com.br/seja_autor.asp



Projeto aproxima alunos da literatura

Proposta da Universidade do Livro ajuda estudantes de escola pública a produzir obras de ficção

Com uma caneta azul e outra preta alternando entre as mãos direita e esquerda, Gênesis escreve a sua terceira ficção em menos de 40 minutos. Aos 10 anos, ele descreve a escola, os colegas e as professoras em situações fantásticas, bem diferentes da rotina da sala de aula.

Gênesis participou da terceira fase do projeto Oficina de Criação Literária, promovido pela Universidade do Livro (Unil), braço educacional da Fundação Editora da Unesp (FEU), nos meses de maio e junho. Ele e outros 65 alunos da 4ª série do Ensino Fundamental da Escola Estadual Pedro Voss, de São Paulo (SP), desenvolveram contos sobre a história da capital, além de aprender as etapas da produção de livros.

Na edição deste ano, a professora e escritora de obras infantis Heloísa Prieto e a coordenadora da Unil, Miriam Goldfeder, trabalharam com as crianças formas diferentes de narrativa ficcional. O ponto de partida é uma visita ao Pátio do Colégio, região central de São Paulo, onde o Padre José de Anchieta e outros personagens fundaram a cidade, em 1554. “Com a visita ao Pátio e a história



A escritora Heloísa Prieto (centro) e a ilustradora Marcela Araújo (esq.), com turma que participou de oficina

dos principais personagens da fundação da cidade, queremos que eles tenham um motivo para começar suas próprias histórias”, falou Miriam.

Etapas – À medida que os textos de Gênesis eram produzidos, Yuri, outro aluno, corria entre lápis de cores e canetas

para ilustrar os contos fantásticos do colega. Sob a orientação do ilustrador e diretor de arte Marcello Araújo, os textos receberam os desenhos. Trabalhando em pares ou trios, os alunos finalizavam suas narrativas.

Na etapa seguinte, Araújo mostrava como é feita a edição de texto e ima-

gem para a produção do livro com as histórias criadas pelo grupo. Todo o processo, desde a digitação em um programa de edição de texto, digitalização das imagens em softwares específicos, até a diagramação da página, é realizado sob o olhar curioso dos jovens autores. “Objetivamos que essas crianças saibam como é cada etapa da produção de um livro”, comenta Araújo.

O projeto recebe o apoio do ProAc 14 (Programa de Ação Cultural do Estado de São Paulo), da Secretaria de Estado da Cultura, que permite a publicação dos livros com as histórias dos alunos da 4ª série.

Muitos participantes dessa fase estiveram presentes nas anteriores, em que trabalharam a criatividade (primeira fase) e textos construídos a partir da memória (segunda fase). “Elas desenvolveram muito a criatividade com essas oficinas”, diz Adriana Cardoso, professora da Pedro Voss. As crianças melhoraram seus rendimentos nas provas e trabalhos, segundo Heloísa. “E não foi somente em Língua Portuguesa ou Redação”, explica.

Daniel Patire

MEMÓRIA

Centro organiza gestão de documentos

Programa criado pelo Cedem reúne normas e procedimentos para descarte de arquivos da Universidade

Com o objetivo de preservar o conjunto de informações e a identidade da Unesp para as próximas gerações, o Centro de Documentação e Memória (Cedem) criou um programa de gestão de documentos e dados arquivísticos com normas e procedimentos para identificar os papéis que podem ou não ser eliminados.

Voltado para os profissionais que atuam nas Seções de Comunicação das Unidades Universitárias, o programa gerou um encontro de capacitação e de orientação técnica para o descarte seguro de documentos de arquivo. O evento ocorreu nos dias 1.º e 2.º de julho, na Faculdade de Medicina, câmpus de Botucatu.

Com a supervisão do Cedem, de

novembro de 2008 a maio de 2009, uma empresa especializada realizou o trabalho de descarte de documentos no Arquivo Central da Reitoria. “Conseguimos referenciar dezoito tipos de processos gerados de 1976 a 1994, que ocupavam as prateleiras de arquivos e que hoje já podem ser descartados”, explica Solange de Souza, historiadora do Cedem e responsável pelo programa.

A historiadora lembra que a gestão de documentos é uma maneira científica de preservação do patrimônio arquivístico de uma instituição. Esse trabalho torna possível o registro das atividades, atribuições e competências que a Universidade já executou.

Na gestão de documentos, uma das principais atividades é a avaliação, que indica o tempo para guardá-los e quais podem ser eliminados. Solange explica que a preocupação com a preservação e descarte surgiu em 1987. A partir de 2002, quando o Cedem passou a ter uma parceria com as Seções de Comunicação das Unidades, o trabalho ganhou repercussão. “As Seções são

ACU/FM



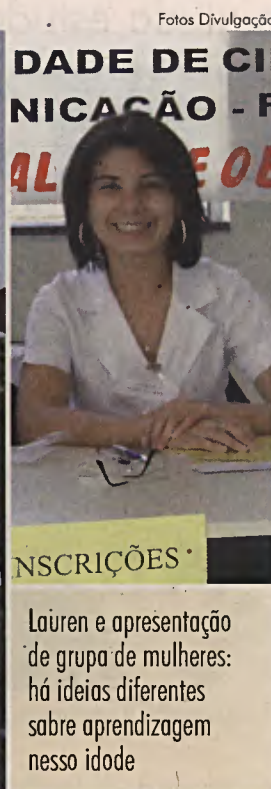
Solange diz que proposta — que já produziu encontro de capacitação — busca preservar informações e identidade da Unesp

responsáveis por todos os registros de entrada e saída dos processos na Unidade e o tráfego pelos arquivos”, informa. O Programa de Gestão Documental foi aprovado no Plano de Desenvolvi-

mento Institucional (PDI), com a proposta de implantação de uma rede de arquivos e instrumentos de política de gestão da Unesp.

Fabiana Manfrim

Aprendendo na terceira idade



Fotos Divulgação
**DADE DE CII
 NICAÇÃO - F
 AL E O E**
NSCRIÇÕES
 Lauren e apresentação
 de grupo de mulheres:
 há ideias diferentes
 sobre aprendizagem
 nessa idade

Estudo focaliza relação de idosos com educação e como docentes e alunos enxergam envelhecimento

O aprendizado na terceira idade e as representações que alunos idosos e professores fazem sobre envelhecimento e educação foram tema de uma pesquisa apresentada na Faculdade de Ciências (FC), câmpus de Bauru, pela psicóloga Lauren Mariana Mennocchi. Sob a orientação da docente Lúcia Pereira Leite, o trabalho mostra que há diferentes ideias a respeito do processo de aprendizagem nesse segmento da população.

O estudo, realizado na Universidade Aberta à Terceira Idade (Unati) ligada a uma instituição de ensino superior de Bauru (SP), destaca que, na visão dos professores entrevistados, é possível aprender na terceira idade. Os idosos, por sua vez, mencionam certas dificuldades naturais dessa fase da vida, como visão reduzida e problemas de locomoção, que impedem um melhor aproveitamento das atividades.

Hoje, a relação de idosos com o processo educacional, de acordo com a psicóloga, é bem melhor do que em outros tempos. “Antigamente, não havia participação nenhuma do aluno em sala de aula, o professor proibia os estudantes de falar qualquer coisa que pudesse deixar a aula mais dinâmica”, comenta.

Mesmo assim, os alunos da pesquisa sentem falta de mais espaço para falar sobre os conhecimentos obtidos ao longo da existência. “Precisamos olhar a aprendizagem na terceira idade como uma prática que requer atenção e recursos para atendê-la”, explica Lauren.

Visão do idoso – Outro ponto do estudo destaca as representações sociais sobre a velhice. Em geral, elas se referem a um processo natural das fases do desenvolvimento humano, com concepções positivas

representadas pela sabedoria e experiência de vida. “A velhice é um período de vantagens e desvantagens, representa ganhos e perdas em relação a outras fases”, assinala Lauren. “Ou seja, para chegar bem na velhice é importante ter um preparo pessoal.”

Para Lauren, existem dois estereótipos sobre os idosos. O primeiro diz respeito a um indivíduo pouco ativo, enfermo, sem domínio do corpo e que vive isolado do convívio social por estar aposentado. O outro trata de uma pessoa ativa, saudável, bem-humorada, atualizada e integrada à sociedade.

A participação dos idosos na universidade, segundo a psicóloga, melhora a forma como eles interagem com outras pessoas e como são percebidos por elas. “Isso proporciona melhorias nas atitudes em relação aos jovens e nos relacionamentos com os familiares”, afirma.

A psicóloga destaca a importância de essa faixa da população participar de programas como os da Unati, que contribuem para o avanço da qualidade de vida, além de oferecer oportunidades de desenvolvimento cultural e psicológico, expandindo suas redes de contato social, “o que é muito bom para o fortalecimento da cidadania e um envelhecimento mais saudável”.

Sobre a Unati – A Unati (Universidade Aberta à Terceira Idade) surgiu na década de 1970, na França, com o objetivo de garantir direitos de cidadãos ao número crescente de aposentados, por meio de atividades socioeducativas, acadêmicas, culturais e de lazer. “Atualidades, ensino de línguas, fisioterapia preventiva e fitoterapia são alguns dos assuntos discutidos em sala de aula”, acrescenta Lauren.

A universidade, além de proporcionar benefícios aos adultos com mais de cinquenta anos, permite aos seus professores aprendizado entre gerações. “Esse vínculo também beneficia o educador, que poderá imaginar uma perspectiva para o próprio envelhecimento”, explica a psicóloga.

Fabiana Manfrim

Unati oferece apoio a credenciados de fundação

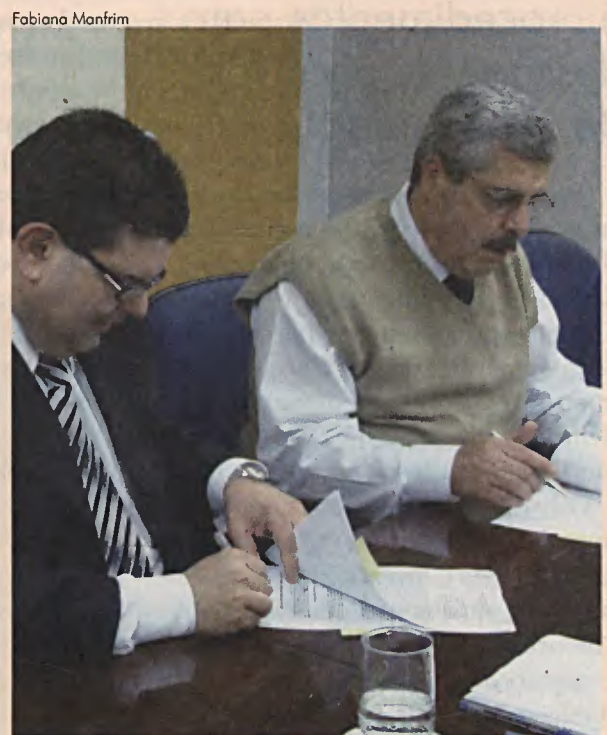
Convênio, iniciado na Reitoria, prevê que integrantes da Geap participem de atividades na Universidade

A Unesp e a Fundação de Seguridade Social (Geap), que oferece serviços de assistência médica e odontológica a servidores públicos, firmaram convênio que favorece a participação dos credenciados da Fundação em atividades da Universidade Aberta à Terceira Idade (Unati) da Unesp. Em troca, membros da entidade vão oferecer palestras na Universidade. Inicialmente, o convênio beneficiará a Reitoria.

O documento foi assinado no dia 30 de junho, pelo reitor Herman Voorwald, o gerente regional da Geap, Renato Abreu Filho, e o diretor presidente da Fundação para Desenvolvimento da Unesp (Fundunesp), Luiz Antonio Vane. “Buscamos estabelecer esta parceria pensando no aspecto sociocultural, além da saúde e qualidade de vida dos idosos”, explica Maria Candida Soares Del Masso, coordenadora do Núcleo Central da Unati. Segundo Abreu Filho, 67% dos credenciados do Geap são maiores de 50 anos. “Investimos para que eles tenham uma vida saudável”, acrescenta.

A Geap soma hoje 750 mil pessoas credenciadas no Brasil, oferecendo planos e programas de saúde, assistência social e previdência complementar aos servidores públicos federais, estaduais e municipais.

F.M.



Abreu Filho (esq.) e Vane assinam acordo: mais atenção aos idosos

Método melhora coordenação motora

Trabalho voltado para público entre quatro e doze anos recebeu prêmio em congresso nacional

Crianças com idades entre quatro e doze anos com dificuldade para executar certas atividades, como jogar bola, recortar, escrever, abotoar ou amarrar, podem sofrer de uma desordem chamada Transtorno do Desenvolvimento da Coordenação (TDC). O alerta é feito pela fisioterapeuta Maria Angélica da Rocha Diz, mestre em Ciências da Motricidade Humana pelo câmpus de Rio Claro, que desenvolveu estudo para tentar melhorar essas habilidades.

Apresentada no Instituto de Biociências (IB), a dissertação foi considerada a melhor pesquisa científica nacional de pós-graduação em 2008 pela Sociedade Brasileira de Comportamento Motor, durante o IV Congresso Brasileiro de Comportamento Motor, ocorrido em São Paulo. “É gratificante saber que meu trabalho é relevante para a área”, disse a autora, que foi orientada pela docente Ana Maria Pellegrini e co-orientada pela professora Cynthia Y. Hiraga.

Crianças com TDC, segundo Maria Angélica, geralmente têm desempenho inferior ao daquelas com desenvolvimento típico para sua idade cronológica e mental. Comumente, elas executam com lentidão e desequilíbrio as habilidades motoras básicas, são incapazes de se adaptar a situações novas e têm dificuldade de aprendizagem. “Pais, profes-



A fisioterapeuta Maria Angélica fez testes utilizando um osciloscópio para avaliar a ocorrência de desordem e tentar melhorar habilidades de participantes

sores e amigos costumam chamar os portadores de TDC de indivíduos descoordenados”, afirma. Por causa do estigma, muitas delas desenvolvem baixa autoestima, angústia e ansiedade.

Segundo a fisioterapeuta, o torque ou força são tarefas que exigem estabilização de determinado objeto entre os dedos, como um lápis, por exemplo. Na pesquisa, ela trabalhou com 12 crianças que não possuíam qualquer dano neurológico aparente ou distúrbio cognitivo, mas que não conseguiam realizar suas tarefas com desenvoltura. Nos testes, os participantes deveriam segurar o botão de um

osciloscópio entre os dedos indicador e polegar e girá-lo. Por meio de um monitor, o aparelho media a força utilizada para mover o botão.

Maria Angélica explica que esse tipo de tratamento, em que há uma resposta visual (feedback) dada pelo osciloscópio, auxilia o paciente a ter uma referência interna de movimento, além de fortalecer mecanismos de detecção e correção dos erros. “Com essas atividades específicas, é possível melhorar o desenvolvimento motor desse grupo ou até mesmo resolver o problema”, diz.

Fabiana Manfrim

EXTENSÃO

Centro atende alunos com deficiência

Majoria dos tratamentos em Fisioterapia, Fono, Pedagogia e Terapia Ocupacional beneficia crianças

Cerca de quatro mil pessoas de todas as idades, principalmente crianças em fase escolar, são atendidas por mês pelo Centro de Estudos da Educação e da Saúde (Cees), do câmpus de Marília. Elas recebem tratamentos gratuitos de reabilitação nas áreas de Fonoaudiologia, Pedagogia, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Os procedimentos são realizados por 221 alunos estagiários do terceiro e do quarto anos dos quatro cursos, acompanhados por professores especialistas em cada área. “Essas atividades permitem que os estagiários entrem em contato com a realidade da profissão antes de se formarem”, assegura Ana Cláudia Vieira Cardoso, docente da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) e supervisora de estágios.

Para Silvia Regina Netto de Souza, mãe de Victor Souza de Lábio, de 12 anos, os tratamentos são importantíssimos para o filho. “Victor teve paralisia cerebral quando nasceu, e desde o primeiro ano é atendido no Cees”, diz. “Constato que ele demonstra uma evolução acima do que eu mesma esperava.”

Áreas de atendimento – O Cees foi criado em 1999 pela fusão do Centro de Orientação Educacional (COE) com a Clínica de Fonoaudiologia da FFC. No Centro, são atendidas pessoas que necessitam de assistência no campo da audiologia (relacionada à



Em Marília, local recebe cerca de quatro mil pessoas de todas as idades por mês, que são atendidas gratuitamente por 221 alunos estagiários

audição e a suas doenças), tanto no aspecto clínico como no educacional.

Na área de Pedagogia, são oferecidos tratamentos para portadores de deficiência auditiva, física, mental e visual. Na Fisioterapia, são atendidas as áreas cardiológica, respiratória e reumatológica. Na Terapia Ocupacional, recebem atenção os portadores de deficiência física com necessidade de adaptação aos afazeres do dia-a-dia.

“Alguns usuários necessitam de atendimentos em todas estas áreas de atuação”, acrescenta a supervisora Ana Cláudia. “Além dos filhos, os pais também são orientados, para aprender a lidar com os proble-

mas das crianças.”

Segundo ela, as atividades de extensão do Centro proporcionam benefícios à população carente, que não possui meios de tratamento. “Atualmente existe uma lista de espera com duzentos nomes”, afirma.

Informações:

Tel.: (14) 3433-0231

Funcionamento: segunda a sexta-feira, das 8 h às 12 h e das 14 h às 18 h

Local: Avenida Vicente Ferreira, 1278 – Bairro Cascata Caixa Postal 181 – CEP 17515-901 – Marília-SP

F.M.

Inovação para a agropecuária

Softwares, sites e vários dispositivos eletrônicos podem ajudar produtores rurais a ampliar os horizontes de suas atividades

GENIRA CHAGAS

A presença da tecnologia da informação não se limita a escritórios e fábricas. As inovações dessa área também ajudam o proprietário rural a melhorar sua produtividade, com menor impacto ambiental. Nesse setor fundamental para o País, a Unesp tem desenvolvido diversos projetos, como softwares e sites voltados para o controle de doenças em plantações, além de sistemas de identificação de pragas e circuitos que automatizam a aplicação de agrotóxicos e o monitoramento de animais.

Uma das iniciativas mais consolidadas nessa área é a do agrônomo Modesto Barreto, docente da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV), câmpus de Jaboticabal: o projeto Agroalerta, que envolve um sistema de prevenção e combate a doenças, principalmente das culturas de tomate, batata e amendoim. O sistema funciona com o auxílio de uma estação meteorológica móvel, cujas informações alimentam um software instalado no site www.agroalerta.com.br. Nesse endereço, também estão armazenadas características das três principais pragas do tomate para uso industrial provocadas por fungo: requeima, pinta-preta e septoríose. O cruzamento desses dados transforma-se em orientações sobre os períodos propícios às epidemias e à aplicação de defensivos.

“Antes desse trabalho, o agricultor usava defensivo agrícola sem saber se a doença estava ou não presente na plantação”, esclarece o professor, responsável pelo monitoramento de 1,2 mil hectares de tomate

industrial em propriedades nos Estados de São Paulo, Minas Gerais e Goiás. Com a racionalização da aplicação, segundo Barreto, é possível reduzir em até 50% a quantidade aplicada de agrotóxicos, diminuindo-se também os riscos para o ambiente e para a saúde do profissional que lida com os produtos.

Software combate fungo – Professor da Faculdade de Ciências Agrônômicas (FCA), câmpus de Botucatu, o agrônomo Edson Luiz Furtado foi um dos orientadores (com o professor Nilton Luiz de Souza, já falecido) de uma tese de doutorado que resultou em um software para a prevenção da chamada podridão floral de citros, doença causada por um fungo e também conhecida como “estrelinha”.

Durante a floração dos laranjais, que coincide com temperaturas mais baixas e alta umidade, pode ocorrer o surgimento da doença, que provoca lesões nas flores e impede o desenvolvimento do fruto. A autora do estudo, Natália Aparecida Rodrigues Peres, atualmente pesquisadora da Universidade da Flórida (EUA), explica que o micro-organismo sobrevive entre as floradas abrigado na ponta da haste do fruto (na “estrelinha”) e nas folhas, voltando a se desenvolver na safra seguinte.

Este software está disponível, em língua portuguesa, no portal da Universidade da Flórida (<http://pfd.ifas.ufl.edu/>). O internauta deve informar o estágio da florada e as condições climáticas, entre outros detalhes, e o sistema calcula a necessidade de pulverização. “Agricultores que testaram o software economizaram cerca de R\$ 200,00 por hectare em fungicidas”, destaca Natália. O projeto foi financiado pela Fapesp, em parceria com a Universidade da Flórida e a Citrovita, empresa do Grupo Votorantim.

Redes neurais – As bananeiras sofrem constantes quedas de produção com a doença sigatoka-negra, que provoca a queda precoce das folhas, reduzindo a quantidade e a qualidade dos frutos. Os profes-

res Wilson da Silva Moraes e Sílvia Helena Modenese Gorla da Silva, docentes do câmpus de Registro, uniram esforços para controlar essa praga. Para definir o momento correto da aplicação de fungicidas, Moraes aplicou um método de observação semanal da severidade da doença, com o exame da infestação nas folhas mais novas, em até 50 hectares da plantação.

Sílvia fotografou o desenvolvimento das lesões nas folhas. As imagens foram processadas digitalmente por meio de redes neurais artificiais, que trabalham as informações de forma semelhante ao cérebro humano e, por isso, são capazes de reconhecer e diferenciar as lesões de sigatoka-negra das de outras doenças. Esse trabalho resultou de seu doutorado, orientado pelo docente Carlos Roberto Padovani, do Instituto de Biociências (IB) de Botucatu. “Desenvolvemos um sistema que poderá fazer automaticamente e de forma precisa o controle da enfermidade”, destaca Sílvia. “Agora, buscamos parceiros para transformá-lo em um dispositivo eletrônico para ser colocado em uso.”

Avaliação de agrotóxicos – Mesmo observando as normas de aplicação, os defensivos podem atingir cursos de água superficiais ou subterrâneos, provocando danos ambientais. Em razão disso, há normas para o registro de novos agrotóxicos e renovação de licenças já concedidas, a cargo dos Ministérios da Saúde (Anvisa), do Meio Ambiente (Ibama) e da Agricultura (Coordenadoria de Agrotóxico). Para auxiliar a avaliação do risco ambiental de defensivos a serem lançados no mercado, foi desenvolvido um software para verificar a concentração do principal componente químico dos produtos.

A proposta envolveu os docentes Adriano Wagner Ballarin, à época diretor do Serviço Técnico de Informática da FCA, em Botucatu; Roberto Antonio Colenci, da Faculdade de Tecnologia (Fatec), vinculada ao Centro Paula Souza; e Cláudio Spadotto, da Embrapa Meio Ambiente, de Jaguariúna (SP), e professor do programa de pós-graduação da FCA. Para

Spadotto, essa ferramenta torna mais ágil o processo de registro, “mas, se a fórmula proposta não for ambientalmente segura, ela não será licenciada”.

Chip contra ervas daninhas – Em São José do Rio Preto, os docentes Norian Marranghello e Aledir Silveira Pereira, ambos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), estão desenvolvendo um circuito integrado digital, ou chip, para combater ervas daninhas em plantações de soja. O chip será programado com as imagens das bordas das folhas da soja.

Essa inovação, segundo Marranghello, será acoplada a um veículo agrícola, em cuja parte dianteira serão instaladas três câmeras e, na traseira, um outro circuito para borrifar defensivos nas plantas indesejáveis. As câmeras filmarão as plantações, enviando as imagens ao chip, que, ao detectar alguma imagem diferente, enviará mensagem ao circuito que aciona o sistema borrifador. Ainda em desenvolvimento, esta pesquisa integra o Programa Brazil-IP, do Ministério da Ciência e Tecnologia.

Pecuária – Na pecuária, a administração de rebanhos ovinos e caprinos também pode contar com ferramentas computacionais produzidas na Unesp. Uma delas é o Programa de Controle Produtivo e Reprodutivo de Caprinos (Procapri). Desenvolvido pelo zootecnista Kleber Tomas de Resende, docente da FCAV, o software é utilizado por cerca de 300 produtores de caprinos de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, além de um na Austrália e cinco na América Latina.

O aplicativo possibilita ao criador fazer o registro zootécnico dos animais, no endereço www3.fcav.unesp.br/procapri. O banco de dados que o acompanha é alimentado com informações de cada indivíduo – nascimento, doenças, cobertura, prenhez –, que permitem identificar animais com melhor rendimento e promover o melhoramento genético do rebanho.

O banco de dados fica hospedado na FCAV e reu-

Atividade de extensão desmistifica GPS

O especialista em Ciência da Computação João Perea Martins, docente da Faculdade de Ciências (FC), câmpus de Bauru, avalia que o pequeno agricultor tem muita dificuldade em assimilar as novas tecnologias. Buscando levar a pequenos produtores as ferramentas da informática para o setor, há um ano Perea realiza o projeto de extensão Tecnologia no Campo.

Ele coordenou o desenvolvimento de um software de apoio ao ensino de GPS (Sistema de Posicionamento Global), com o qual faz apre-

sentações, em escolas agrícolas da região, sobre o uso do instrumento para gerenciar os recursos naturais, tais como localizar na lavoura áreas de menor produtividade. Apoiado pela Pró-Reitoria de Extensão Universitária (Proex), o Projeto mantém o site (www2.fc.unesp.br/~perea/gps.php), onde o agricultor pode adquirir cópias gratuitas do software. Desde 2008, o aplicativo já foi copiado cerca de 800 vezes por usuários do Brasil e de sete outros países.

G.C.

ne informações fornecidas pelos produtores. “Cada criador só tem acesso aos próprios dados”, assegura Resende. Recentemente, uma dissertação do zootecnista Bruno Biagioli, orientada pelo docente, atualizou a linguagem de programação do sistema.

Já o Sistema de Gerenciamento de Ovinos (Sigo) é uma iniciativa do engenheiro agrônomo Cecílio Vieira Soares Filho, professor do curso de Medicina Veterinária, da Faculdade de Odontologia (FO), câmpus de Araçatuba (www.foa.unesp.br/ovinos). Projetado em parceria com a analista de sistemas Katia Midori Yabuke Maeoka, também da FO, o aplicativo possibilita registros individuais dos animais, permitindo ao ovinocultor controlar características como sanidade, produtividade e peso.

“O controle do rebanho favorece a tomada de decisão”, destaca o docente. Desde seu lançamento em 2005, o Sigo já cadastrou 3.650 usuários de países da América do Sul, México, Estados Unidos e Portugal.

Avicultura – Está em fase de teste em granjas comerciais um software que visa estimar a condição de bem-estar de matrizes de frango de corte a partir do monitoramento, por imagem, do comportamento

das aves. Elaborado no câmpus de Tupã por alunos do curso de Administração, sob a orientação do engenheiro agrícola Danilo Pereira, o trabalho já recebeu dois prêmios em congressos de Iniciação Científica.

Segundo Pereira, o aplicativo é baseado em lógica fuzzy, que possibilita transformar linguagens subjetivas em expressões matemáticas. A ferramenta fará a avaliação, em tempo real, da situação das aves a partir de variáveis ambientais – por exemplo, temperatura e concentração de amônia –, e comportamentais, como ciscar e limpar as penas, consideradas importantes nas análises estatísticas de experimentos em câmaras climáticas. “Esses dados alimentam o sistema fuzzy, que estima o nível de bem-estar das aves.”

Experiências como as apresentadas nesta reportagem estimulam João Perea Martins, docente da Faculdade de Ciências (FC), câmpus de Bauru a destacar a importância de levar os avanços de tecnologia da informação para o setor rural. (Veja quadro.) “Existe uma grande carência de conhecimento tecnológico por parte do pessoal da área agrícola”, comenta. “E esse conhecimento pode ser aplicado na melhoria de sua condição de trabalho e qualidade de vida.”

(Colaborou Julio Zanella)



Agroalerta usa site e estação meteorológica móvel (acima) contra doenças como o septoríose



Software orienta sobre moléstia que afeta floração de laranjeiras



Moraes e Sílvia: imagem digitalizada revela praga de bananeiras



Circuito longo herbicida após comparar registro em vídeo com arquivo digital (ao lado)



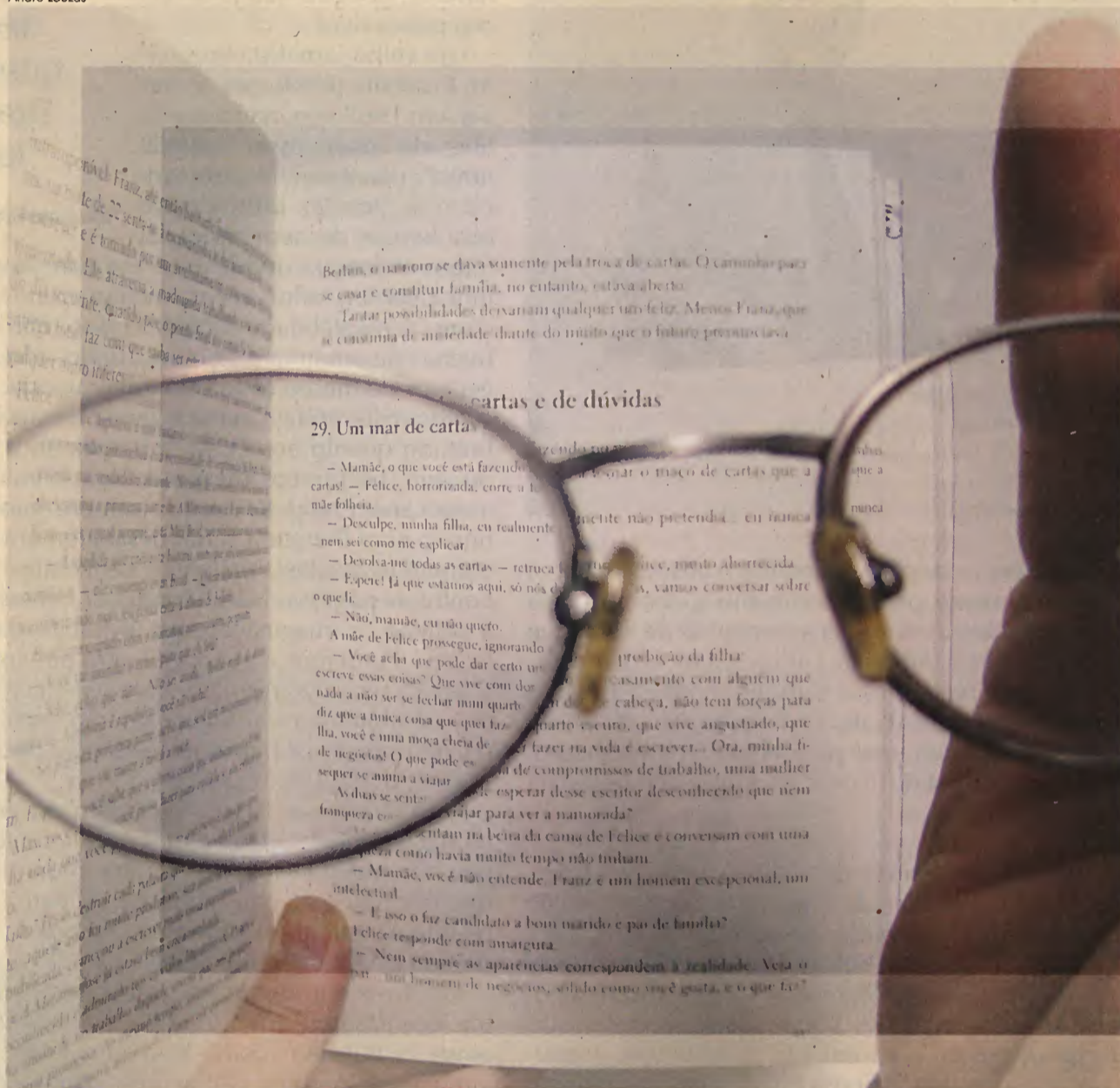
Kleber coordena o site do Procapri, com banco de dados on-line



Projeto avalia bem-estar de frangos utilizando imagens eletrônicas

Produção literária em tempos difíceis

André Louzas



Esta edição do Fórum volta-se para um tema que tradicionalmente desperta avaliações divergentes: a situação atual da literatura. Um dos assuntos em debate é a propalada crise do universo dos livros, em razão da redução do hábito da leitura na sociedade contemporânea, consequência direta da hegemonia dos recursos audiovisuais, como o cinema, o vídeo e os games. Outra questão em foco é a produção literária recente do Brasil. As avaliações mostram que essa manifestação cultural, apesar das inegáveis dificuldades no país, está renovando seu quadro de talentos e ainda tem muito a oferecer para o entendimento que os leitores têm de si mesmos e do mundo.

Nova geração tem escritores de qualidade

Entrevista com Moacyr Scliar

Página 2

Os contistas premiados no 49º Prêmio Jabuti

Luiz Gonzaga Marchezan

Página 3

A literatura 'já era'?

José Carlos Zamboni

Página 2

Novos rumos para a velha crise da literatura

Marcos Siscar

Página 4

ENTREVISTA

MOACYR SCLiar

Nova geração tem escritores de qualidade

Moacyr Scliar (Porto Alegre, 1937) é um dos mais conhecidos escritores brasileiros da atualidade. Formado em Medicina, publicou mais de 70 livros, entre crônicas, contos, ensaios, romances e literatura infanto-juvenil. Em 2003, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras. Já recebeu diversos prêmios literários como o Jabuti (1988 e 1993), Associação Paulista de Críticos de Arte – APCA (1989) e Casa de las Américas (1989). Já teve obras suas traduzidas para doze idiomas. O escritor aborda, aqui, questões como as características de diversas gerações literárias brasileiras. (Entrevista a Oscar D'Ambrosio)



Danilo Koga

Jornal Unesp: Como você avalia o atual momento da literatura brasileira? Tendo em vista que publicar livros é bem mais barato do que num passado recente, dessa quantidade é possível retirar qualidade?

Moacyr Scliar: Não tenho dúvidas quanto à qualidade da nova geração. Estamos vendo nascer um grupo de escritores de mancha. É importante observar que as gerações têm os seus temas e objetivos. A geração de 1922, em São Paulo, ligada à Semana de Arte Moderna, foi revolucionária na forma. A de 1930 era bem mais politizada, e a de 1945 é marcada pelos concretistas. A minha não tem uma data. Está na hora de providenciar... Começamos a publicar no fim dos anos 1960 e começo dos 1970 com algumas causas: a defesa da liberdade de expressão e a crítica à ditadura em toda a América Latina. Éramos, portanto, à nossa maneira, engajados. A geração de hoje, no entanto, não tem uma causa.

JU: O que a caracterizaria então?

Scliar: Existe uma multiplicidade de vozes e temas. O Brasil mudou muito. Tornou-se um país urbano de classe média crescente. Além disso, há a desilusão com o comunismo tradicional e o aparecimento de novas vozes, como as femininas e a das minorias sexuais. Alguns temas ganham força, como os dramas familiares e a violência. Na minha geração, o assaltante era visto como uma espécie de Robin Hood que promovia a distribuição de renda. O primeiro escritor a identificar o lado sombrio dessa violência foi Rubem Fonseca. Ele viu que atrás da violência há um complexo de pobreza, droga, problemas emocionais e doença mental.

JU: E o realismo mágico que marca a sua geração? Ele permanece?

Scliar: A literatura do absurdo, que tem suas bases em Rabelais e Kafka, ganha formas diferentes ao longo do tempo. Minha geração era mui-

to influenciada pelo chamado realismo mágico, principalmente pelo colombiano Gabriel García Márquez. Era uma crítica aos regimes de força que dominavam a América Latina. Com a democratização da região, esse tipo de literatura desapareceu. O próprio García Márquez não faz mais. Hoje, idoso, voltou-se para uma literatura memorialista e realista de evocação do passado dele e da sua geração.

JU: Nesse sentido de diálogo entre gerações, qual foi o seu vínculo mais forte com a geração que te antecedeu?

Hoje existe uma diversidade de vozes e temas; ganham força os dramas familiares e a violência

Scliar: Convivi mais em Porto Alegre com o Érico Veríssimo. Ele tinha ideias progressistas e, embora não tivesse vínculo com algum partido político, colocou-se contra o Golpe de 1964, encaixando-se num grupo de escritores herdeiro da tradição socialista e comunista do início do século XX. Falava do Rio Grande do Sul sem ufanismo regionalista, mas com uma visão da realidade da história local. Além de ser grande escritor, era excelente pessoa. A casa dele vivia de portas abertas para escritores e jornalistas. Ainda rapazzino, mostrei um conto para ele. Prometeu que daria uma opinião em alguns dias. Foi muito elogioso e disse que eu estava no bom caminho. Dias depois, abri uma gaveta em minha casa e encontrei a última página desse conto. Eu tinha me esquecido de levar... Entre dizer que nada havia entendido e elogiar, optou pela segunda opção.

mo regionalista, mas com uma visão da realidade da história local. Além de ser grande escritor, era excelente pessoa. A casa dele vivia de portas abertas para escritores e jornalistas. Ainda rapazzino, mostrei um conto para ele. Prometeu que daria uma opinião em alguns dias. Foi muito elogioso e disse que eu estava no bom caminho. Dias depois, abri uma gaveta em minha casa e encontrei a última página desse conto. Eu tinha me esquecido de levar... Entre dizer que nada havia entendido e elogiar, optou pela segunda opção.

A literatura 'já era'?

JOSÉ CARLOS ZAMBONI

Se nunca foi fácil viver de literatura, as dificuldades aumentaram a partir dos últimos cinquenta anos. Época de mudanças radicais, não somente cessou o que a antiga musa cantava; ela mesma foi substituída por outras, arastando o público literário para outras praias, sedutoramente audiovisuais. Não deu outra. Os cursos de Letras viraram cursos de letras... de música; os grandes poetas vivos são astros da MPB; e os romancistas já estão de malas prontas para a sétima arte, que logo será a primeira do ranking, posição que já ocupa nos países ricos.

Um velho jornalista brasileiro, Prudente de Moraes, escreveu em 1968 que, na bagagem liberada para esse "mundo novo", não estariam o romance e a poesia, instrumentos obsoletos e desnecessários na futura ordem, já que o filme e a canção popular funcionariam infinitamente melhor como veículos da nova mentalidade (*O Estado de S. Paulo*; "Problemas de amanhã", 1971, p. 9), ficando aqueles gêneros de museu restritos a uma minoria.

Nosso futurólogo parece perto de acertar, sobretudo quanto aos EUA. Quarenta anos depois, ou seja, há poucos meses, o famoso romancista americano Philip Roth, que sempre ganhou dinheiro com literatura séria, desabafou em recente entrevista: as telas, finalmente, venceram a batalha contra as páginas. Não há mais "a concentração, a solidão, a imaginação que o hábito da leitura exige... Perdemos a guerra. Dentro de vinte anos, a leitura será algo restrito a uma seita. Ler será hobby de uma minoria. Alguns criarão cachorros ou peixes tropicais, e outros lerão" (*Folha de S. Paulo*, "Mais", 8/7/2008).

O escritor brasileiro Luiz Vilela, também estreando na década de 1960, teve destino diferente e chegou a outras conclusões. "Se algum dia descobrir que ela não tem mais sentido, eu paro. Por enquanto não descobri", disse no começo da carreira (*Estado de Minas*, 29/6/67).

Vitorioso em importante concurso literário, de início enfrentou a má vontade dos editores, que ainda o tratavam como estreante. Não poupou também os leitores (alienados), os críticos (anacrônicos) e os próprios escritores, cuja passividade escurecia ainda mais o quadro. [...]

Só em 1986, com quase vinte anos de estrada e nove livros na bagagem, além de antologias, publicações de contos em revistas, palestras em universidades e encontros literários, confessou que já poderia viver dos livros. ("Folhetim", *Folha de S. Paulo*, 20/3/1986). [...]

Na virada do século, com mais alguns títulos no currículo, Vilela via o conto "numa fase ótima, uma fase que faz lembrar a de 70, quando o conto dominou no cenário da literatura brasileira". Terminou essa mesma entrevista com verdadeiro hino à literatura e ao escritor, à espera de algum Francisco Braga. Em 2004, reafirmou a mesma crença: ao contrário de "tantos vaticínios de que o livro vai morrer, de que a literatura acabou, você vê cada

vez mais gente lançando livro".

[...] Nos EUA, o livro "literário" estava e está em queda; daí a atitude de Roth. No Brasil, ao contrário, durante as últimas décadas – com inchaço demográfico e ensino de massa –, o número de leitores cresceu. O professor FHC jogou pesado em condições, sempre com grandes tiragens. Eram obras didáticas e paradidáticas, destinadas a bibliotecas escolares, sem contar os livros indicados para vestibular e a literatura infanto-juvenil, também com público certo – para alegria dos escritores e maior, incomparavelmente maior, dos editores.

Se o estilo limpo de Vilela, próximo do coloquial, contribuiu para a reedição de algumas de suas obras em coleções para adolescentes, como já tinha sido responsável por sua boa presença em livros didáticos (que não rendem, mas divulgam o autor), o sucesso, no fundo, se devia à persistência profissional do escritor mineiro que, nas décadas de 1960 e 1970, fazia ouvidos de mercador quando ouvia aqueles sinos da agonia. É um estudo que está por ser feito: sobre a sobrevivência da literatura brasileira em consequência do desenvolvimento horizontal da educação.

José Carlos Zamboni é docente da Faculdade de Ciências e Letras, câmpus de Assis, onde leciona Teoria Literária.

A íntegra deste artigo está no "Debate acadêmico" do Portal Unesp, no endereço http://www.unesp.br/aci/debate/literatura_ja_era.php

Danilo Koga



Os contistas premiados no 49º Prêmio Jabuti

LUIZ GONZAGA MARCHEZAN

Dentro dos propósitos desta edição, analisamos aqui, resumidamente, o fabulário dos contos premiados pela Câmara Brasileira do Livro, em 2007, na 49ª edição do Prêmio Jabuti. Os contistas vencedores – Arthur Oscar Lopes e João Anzanello Carrascoza – concorreram com outros cinco, os finalistas: Autran Dourado, Charles Kiefer, Manalton Braff, Rubens Figueiredo e Rubem Fonseca. Dos sete, somente os vencedores não haviam recebido o prêmio. Arthur Oscar Lopes, Charles Kiefer, João Anzanello Carrascoza, Manalton Braff e Rubens Figueiredo publicaram seus primeiros livros após a primeira metade da

década de 1980. O início da produção ficcional de Autran Dourado é da década de 1950; Rubem Fonseca publicou o seu primeiro livro de contos nos anos 1960.

A casa de minha vó e outros contos exóticos (2006), de Arthur Oscar Lopes (n.1950), primeiro contista premiado pelo Jabuti de 2007, constitui-se de doze contos em que o sexto entre eles, A casa de minha avó, sobrepõe-se aos demais. Nele, os avós são reconhecidos pelo neto, narrador e personagem, como oráculos, mediadores, para o protagonista, do mundo em que vive. A. O. Lopes cria, com liberdade, sua

expressão literária para a representação do mundo narrado.

João Anzanello Carrascoza (n.1962), segundo contista premiado pelo Jabuti de 2007, no laudado *O volume do silêncio* (2006), depara-se com o melancólico, na maneira como, no interior das suas histórias, crianças e adultos defrontam-se com o mundo. [...] O motivo do encontro e do desencontro, assim, melancolicamente, tenciona os dezesseis contos, reunindo, no âmbito da epifania, os universos infantil e adulto. [...]

Para Arthur Oscar Lopes a imitação está em descrédito e seu texto não nos aproxima de uma realidade

imediate. Carrascoza, melancólico, contempla a memória e dela quer revelações. A contemplação estética que realiza no universo que narra prevê a empatia do seu leitor; o ficcionista coloca-se nas circunstâncias e situação do outro.

Lopes volta-se para argumentos extratemporais; o seu mundo é de palavras e, assim, simula, pela memória cultural, uma ligação da sua literatura com a tradição literária, momentos em que as verdades narradas surpreenderão sempre, conforme os universos literários de Poe, Borges e Kafka, estes elogiados no último conto do volume, "Da literatura".

Trata-se de outro tipo de memória a representada pela ficção de Carrascoza; nela, a memória humana ganha

expressão na sua literatura ligada a uma ideia de recordação e por meio de alguém que recorda, sabe recordar, mostra-se envolvido com o memorável. O memorável, no caso, não se confunde com o factual, situação densamente trabalhada pela versão literária que João Anzanello dá à memória, isto porque, a sua constatação, epifânica, pelos sentimentos, de algo sensível, encontra-se representada por mobilizações enunciativas no âmbito da produção de um pensamento sensível, dissolvido, inicialmente, no tempo, por sensações e reunido, depois, com um novo conteúdo, em percepções permeadas pela recordação. [...]

A questão da imagem literária divide, portanto, aqui, contistas e contos, que mantêm, digamos, no processo da leitura da sua produção, referências inusitadas ou conhecidas para o seu leitor, da sua experiência de leitura; as insólitas, estas, ficam imersas num jogo inesperado e híbrido entre tantas outras imagens desconhecidas e conhecidas, que o mundo dos desejos procura dar acesso à verdade. [...]

Desse modo, a composição literária que sustenta os contos dos vencedores da 49ª edição do Prêmio Jabuti é múltipla e tem o propósito de narrar este tempo contemporâneo, sem descartar quer sensações, quer sentimentos, quer racionalidades, quer bizarros motivos literários. Como vimos, rapidamente, tudo acontece no texto, com o texto. [...]

Referências Bibliográficas

CARRASCOZA, J. A. *O volume do silêncio*. São Paulo: CosacNaify, 2006.

LOPES, O. A. *A casa de minha avó e outros contos exóticos*. São Paulo: Edições Intelligentes, 2006.

Luiz Gonzaga Marchezan é docente da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, do câmpus de Araraquara.

A íntegra deste artigo está no "Debate acadêmico" do Portal Unesp, no endereço http://www.unesp.br/aci/debate/premio_jabuti.php

Novos rumos para a velha crise da literatura

MARCOS SISCAR

Pensar nos rumos da literatura é envolver-se de imediato no campo da profecia. E não deixa de ser significativo que a profecia esteja ligada, tradicionalmente, à desgraça trágica, ao apocalipse, à visão do fim do mundo. Ora, várias publicações de crítica, hoje, ao falar da situação da literatura, insistem na ideia de sua "crise" que, aliás, é tão velha quanto a própria literatura. Por isso, o assunto me parece importante quando se discutem os rumos da literatura no Brasil e o papel que têm diante dela os profissionais da área.

O páthos da falência, da crise, não é estranho à literatura. Baudelaire dizia ironicamente: "O mundo vai acabar", referindo-se à pobreza da cultura de seu presente. A modernidade, aliás, fez dessa constatação de fracasso o seu projeto: e é assim – apontando o desajuste que coloca em risco sua permanência – que a literatura tem alcançado seus momentos mais altos e de brilho mais nítido. Apontando o mal-estar da cultura, ela coloca em proximidade (etimológica; inclusive) a crise e a crítica.

Mas se a literatura fez da crise, ou seja, da perspectiva crítica, um modo de situar-se diante das coisas, a ideia de seu "anacronismo" cultural, martelada pela mídia e mesmo pela universidade, nos últimos anos, é bastante preocupante. Tal ideia expressa claramente, em muitos casos, um desejo de substituir a visão crítica do desajuste pela ilusão de um ajuste ao dispositivo do entretenimento, da autoajuda, do pluralismo sem discernimento. Não espanta que certos responsáveis pelo ensino, dian-

te da dificuldade da questão, prefiram evocar o desgastado "elitismo" da literatura ou apoiar-se na suposta "competição" das mídias como pretexto para sua exclusão ostensiva das ementas, das aulas, das provas de vestibular.

Ou seja, pensar criticamente os rumos da literatura no século XXI, de modo geral, mas também no Brasil (onde o mercado se relaciona com a cultura de modo extremamente predatório), depende de nossa capacidade de distinguir entre os vários tipos de discurso sobre o desajuste ou sobre a crise da literatura. Há aquele geralmente ligado à própria realização artística ou à radicalidade política de alguns campos da crítica literária, frequentemente disfóricos em relação à situação contemporânea, e que funciona como uma espécie de denúncia da violência circundante. E há, por outro lado, aquele que, ao contrário, constata a crise da literatura para minimizar as suas exigências, a sua incômoda clareza, muitas vezes em nome da "democracia", tristemente manipulada para assentar autoritariamente as ilusões de bem-estar e de inclusão social vendidas pelo marketing.

Pelo mesmo motivo que podemos desconfiar da euforia do artista com a profissionalização e a proliferação de veículos, precisamos ficar atentos ao tom apocalíptico sobre o fim da literatura ou a decadência da leitura. Dirigido aos próprios leitores, aos futuros educadores, se às vezes pro-

picia a compreensão do desajuste, em geral, ao contrário, o eufemiza, o atenua, o oculta. Não raro, vem acompanhado de pesquisas numéricas que claramente recusam as dificuldades dos dados objetivos, bastante variados: venda de livros, produção editorial ao longo da história, fluxo de traduções, uso de bibliotecas, circulação de livros usados, variedade de suportes do texto (livros, revistas especializadas, imprensa escrita), tipos de uso da literatura (na educação, no lazer,

em espetáculos), além do fenômeno da Internet, essa gigantesca biblioteca, que é também um laboratório para a criação literária. Como medir a "decadência da leitura", como fez recentemente uma pesquisa, levando em conta apenas a quantidade de dólares gastos em livrarias por famílias americanas? A quem interessa a confusão explí-

ta entre circulação da obra artística e circulação empresarial do dinheiro?

É nítido o movimento oportunista que guia a interpretação de mão única das relações entre a circulação do livro e a política de publicação das editoras; entre a vida intelectual e os suplementos de jornais; entre o peso social da literatura e as transformações sofridas pelas políticas educacionais. Como se as instituições que interagem com a literatura fossem apenas receptoras passivas de um fenômeno supostamente definido e quantitativo que, no fundo, elas mesmas ajudam a criar ou a reproduzir. Dizendo de modo mais enfático, parece que, da visão algo paternalista que, no passado, pretendia educar o público ignorante na obediência de valores elitistas, passamos diretamente para o cinismo (também chamado "realismo") mercadológico da obediência ao gosto do "público alvo", público cuja natureza e abrangência, a rigor, são definidas por publicitários e gerentes invisíveis e, nesse sentido, irresponsáveis do ponto de vista das políticas culturais.

Para os profissionais da edição e da comunicação e, sobretudo, para os educadores da área, uma reavaliação dessa lógica do consumo (baseada na anulação da diferença pela assimilação linear de todas as diferenças) deveria recolocar o aspecto político (no sentido da diferença crítica, da valorização de um espaço de dissensão) como parâmetro para suas ações em relação aos rumos da literatura.

Reavaliação da lógica do consumo deveria recolocar aspecto político como parâmetro de ações na área



Danilo Koga

Marcos Siscar é docente do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, câmpus de São José do Rio Preto

Este artigo está disponível no "Debate acadêmico" do Portal Unesp, no endereço

http://www.unesp.br/aci/debate/marcos_siscar.php

Erasmus Mundus aprova projetos da Unesp

Programa europeu fornecerá bolsas para estudos de docentes e alunos de graduação e pós no continente

Maior programa de mobilidade do ensino superior da Europa, o Erasmus Mundus anunciou, em junho, a aprovação de dois projetos da **Unesp**. Por meio dessa decisão, serão abertas vagas para docentes e alunos de graduação e pós-graduação estudarem em universidades europeias, com bolsas do programa.

"A **Unesp** precisa estar inserida nesse importante programa de mobilidade acadêmica", declara José Celso Freire Júnior, assessor-chefe da Assessoria de Relações Externas (Arex) e responsável pelo envio dos projetos. "Não podemos esquecer dos profissionais que desenvolveram esses trabalhos que enviamos, como a professora Elisabeth Urbinati, ex-assessora-chefe da Arex."

Para participar do Erasmus Mundus, as Instituições de Ensino Superior (IES) devem possuir convênios com universidades europeias que coordenam os

projetos submetidos ao programa.

De acordo com o projeto apresentado pela Universidade de Santiago de Compostela, da Espanha, a **Unesp**, com mais dez IES brasileiras e oito da Europa, receberá cerca de 250 mil euros para custear passagens, taxas da universidade europeia e bolsas-auxílio que variam de mil a 2,5 mil euros.

A **Unesp** também integra projeto similar, coordenado pela Universidade do Porto, em Portugal. Nessa proposta, a Universidade faz parte como IES brasileira associada, com universidades uruguaias, paraguaias e europeias. Para discutir detalhes como a distribuição de vagas e procedimentos de candidatura, inscrição e seleção, o assessor-chefe embarcou para Portugal no dia 23 de julho, e deverá visitar a Espanha em setembro.

O Erasmus Mundus já abriu inscrições, que irão até 15 de outubro, para mais quatro projetos de parcerias entre universidades europeias, do Brasil, Paraguai e Uruguai. "Será muito importante que consigamos aprovar novos projetos nessas chamadas e para tanto gostaríamos de contar com a colaboração dos mais diversos pesquisadores e docentes da **Unesp**", afirma Freire Júnior.

Daniilo Koga



Experiência internacional

A **Unesp** tem acordos de intercâmbio com 26 países. Entre os destinos mais comuns dos estudantes estão Alemanha, Áustria, Argentina, Canadá, Chile, China, Espanha, Estados Unidos, França, Itália, Japão, México e Portugal.

Por meio de um convênio com a instituição francesa Grenoble INP, a Faculdade de Engenharia do câmpus de Guaratinguetá é a única representante brasileira a oferecer um programa de dupla titulação aos estudantes de Engenharia Civil, Engenharia de Materiais, Engenharia de Produção Mecânica, Engenharia Elétrica e Engenharia Mecânica.

Para participar de um intercâmbio, o aluno precisa conhecer a língua do país em que deseja estudar, além de possuir um bom histórico de notas.

LEITURA DINÂMICA

MANDIOCA

O XIII Congresso Brasileiro de Mandioca ocorreu de 14 a 16 de julho na Fazenda Experimental Lageado, em Botucatu. Promovido pelo Centro de Raízes e Amidos Tropicais (Cerat), o evento envolveu conferências, palestras, mesas-redondas e apresentação de mais de 200 trabalhos. As atividades foram divididas em seis eixos temáticos: socioeconomia, energia, biotecnologia, agricultura, processos e produtos, e sustentabilidade ambiental. **(Isabella Carolina Papa, bolsista Unesp/Universia/Reitoria).**

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

O Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, oferecido pela **Unesp**, a Unicamp e a PUC-SP, abre inscrições em 14 de setembro para a seleção de candidatos ao Mestrado Acadêmico 2009. As vagas serão distribuídas entre três áreas de concentração: Instituições, Processos e Atores; Política Externa; e Paz, Defesa e Segurança Internacional. Informações: (11) 3101-0027 (ramal 4) ou relinter@reitoria.unesp.br **(Isabella Carolina Papa, bolsista Unesp/Universia/Reitoria)**

LEONARDO BOFF

O teólogo e filósofo Leonardo Boff, professor da UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) e autor de mais de 60 livros nas áreas de Teologia, Espiritualismo, Filosofia e Antropologia, visitou dia 21 de junho o câmpus de Rio Claro, onde ministrou a palestra "A Carta da Terra". No anfiteatro do Instituto de Biociên-

cias, tratou de questões sobre desequilíbrio ecológico, desigualdade social e futuro da humanidade. **(Heluane Aparecida Lemos de Souza, bolsista Unesp/Universia/IB/Rio Claro)**

VETERINÁRIA

A Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia de Botucatu recebeu, entre 13 e 19 de julho, o 28.º Encontro Nacional dos Estudantes de Veterinária (Enevet). Promovido pela Executiva Nacional dos Estudantes de Veterinária, o evento teve como eixo principal a temática da saúde pública. Foram esclarecidas dúvidas e debatida a criação de medidas sobre a ampla atuação do médico veterinário na sociedade. **(Daniela Rodrigues Venegas Herrera, bolsista Unesp/Universia/FMVZ/Botucatu)**

SUSTENTABILIDADE

De 13 a 17 de julho, 23 jovens, com idades entre 15 e 18 anos, residentes na zona rural de Botucatu, Guareí, Torre de Pedra e Angatuba, participaram da primeira etapa do Programa Intervenção Universitária, coordenado pela Faculdade de Ciências Agronômicas de Botucatu. A ação divulgou conhecimentos e proporcionou a apropriação de tecnologias para capacitar os jovens agricultores a se fixarem no campo e ampliarem sua renda familiar, pela produção rural sustentável. **(Fernanda Pellicer Martins, bolsista Unesp/Universia/FCA/Botucatu)**

EMPREENDEDORISMO

A Empreender Jr. Consultoria Empresarial e Agronegócios, empresa formada e gerida por alunos do curso

de Administração de Tupã, realizou no dia 18 de junho, no câmpus, a posse da nova Diretoria Executiva. "A nova gestão visará a consolidação da estrutura organizacional e também irá focar mais a área do agronegócio, proporcionando aos associados e alunos do curso palestras e cursos sobre o tema", afirma o atual presidente da empresa, Matheus Borella. **(Ana Eliza Pimenta Moreira, bolsista Unesp/Universia/Tupã)**

SEMANA DE ARTE

Ocorreu, entre os dias 1º e 3 de julho, a primeira Meia Semana de Arte da **Unesp** de Ourinhos. Os objetivos principais foram a disseminação da cultura e da arte na unidade, a divulgação dos artistas amadores do câmpus e maior integração com a cidade. O evento foi organizado pelos alunos Gabriel Dal Bó, Rafael Furlan e Vitor Xavier Neto e pelo Centro Acadêmico de Geografia Aziz Nacib Ab'Saber, com o apoio da administração e da coordenação pedagógica locais. **(Rafael Furlan, bolsista Unesp/Universia/Ourinhos)**

FARMÁCIA

Realizada entre 13 e 18 de julho, na Faculdade de Ciências Farmacêuticas de Araraquara, a Escola de Férias em Neuropsicofarmacologia buscou proporcionar a alunos de graduação do campo de Saúde/Biologia os fundamentos da área e sua aplicação no estudo de ansiedade, dor e dependência de substâncias psicoativas. Foram tratados temas como depressão, transtornos de ansiedade, dor, síndrome de abstinência, estresse e farmacodependência. **(Edgar de Oliveira Matias, bolsista Unesp/Universia/FCF/Araraquara)**



Programa divulga vestibular 2010

Participantes de encontro com conselho diretor da Vunesp conheceram novo *Guia de Profissões*

No dia 22 de julho, foi realizada, em São Paulo, a reunião para o planejamento da divulgação do Vestibular Unesp 2010. Os coordenadores da divulgação participaram do encontro com o Conselho Diretor da Fundação para o Vestibular da Unesp (Vunesp). Eles conheceram o *Guia de Profissões 2010*, publicação com os cursos de graduação da Universidade distribuída gratuitamente para 350 mil estudantes.

“Esse trabalho é para que os alunos da Rede Pública se sintam valorizados e incentivados”, afirma o diretor-presidente da Vunesp, Elias José Simon. “Nós queremos mostrar que eles são capazes de cursar uma universidade de qualidade.”

O grupo de coordenadores, formado por professores e servidores técnico-administrativos de vários câmpus, conheceu o Programa de Divulgação do Vestibular Unesp. Eles receberam informações sobre o procedimento de divulgação e as normas do Vestibular 2010, além das reduções de taxas e do calendário. “As apresentações e os esclarecimentos de dúvidas são fundamentais para nos ajudar no momento em que realizarmos as divulgações”, disse Carlos Alberto Penatti, docente da Faculdade de Ciência e Tecnologia (FCT), câmpus de Presidente Prudente.

O grupo recebeu um kit que incluiu



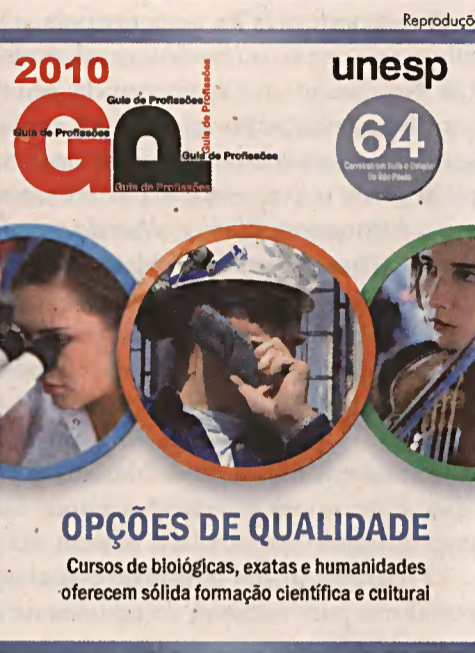
Coordenadores no evento e a capa do novo Guia de Profissões: esforça para que alunos da rede pública se convençam que podem cursar uma universidade de qualidade

fôlderes, manuais de divulgação e manual do candidato para a edição de 2010 dos exames, CD-ROM com a palestra que será ministrada nas escolas e um *Guia de Profissões 2010*, entre outros materiais de apoio.

Aproximação com escolas – O Programa de Divulgação se tornou um projeto de Extensão, coordenado pela Pró-reitoria de Extensão Universitária (Proex) da Unesp. “Com essa nova proposta, a Universidade se aproxima da rede pública”, explica Loriza Lacerda,

assessora da Proex. “Agora, os divulgadores, que antes faziam visitas próximo às datas dos vestibulares, irão com maior frequência às escolas de sua região.”

A primeira etapa da divulgação nas escolas públicas terá início no dia 13 de agosto, às 14 horas, quando a coordenação do Programa de Divulgação fará uma videoconferência para esclarecimentos e debates, que será transmitida para todas as Diretorias Regionais de Ensino do Estado, tendo como público alvo os dirigentes regionais, coordenadores pedagógicos e diretores de escolas. Após



essa etapa, os divulgadores agendarão as visitas às escolas de suas regiões.

Além de Simon e Loriza, ministraram palestras no evento a diretora acadêmica da Vunesp, Tânia Cristina Arantes Macedo de Azevedo, e o diretor de Planejamento e Desenvolvimento da Fundação, Edwin Avolio. Já o coordenador de Imprensa da Assessoria de Comunicação e Imprensa da Unesp (ACI), Oscar D'Ambrosio, apresentou o novo *Guia de Profissões 2010* e suas modificações.

Danilo Koga

CULTURA

Instituto Confúcio oferece novos cursos

Semestre terá turmas de história da arte chinesa, além de mandarim para alunos de escolas públicas

Em agosto, o Instituto Confúcio na Unesp está oferecendo dois novos cursos. O primeiro deles volta-se para a história da arte chinesa, focalizando a pintura, a escultura, a cerâmica e a seda, entre outros tópicos. O segundo, de mandarim, é gratuito e voltado para alunos de escolas públicas com idades entre 12 e 17 anos.

As aulas de história da arte envolvem a apresentação de um amplo material fotográfico, acompanhado de análise de forma e conteúdo, com a proposta de capacitar o aluno para apreciar uma arte milenar e única. O curso será ministrado por Maria Fernanda Lochschmidt, historiadora de arte formada pela Universidade de Viena.

Com 16 aulas, que começam no dia 4 de agosto e terminam em 24 de setembro, o curso acontece às terças e quintas-feiras, das 18 h às 20 h, na sede do Instituto, na Praça da Sé, 108, no centro de São Paulo. O valor é de R\$ 450 à vista ou R\$ 500 parcelados em três vezes.

Já o curso de mandarim, focado na conversação e na escrita, incluindo ideogramas, é dividido em três módulos básicos com 40 horas e cinco meses de duração. As aulas acontecem uma vez por semana, às quintas-feiras, das 14 h às 16 h, na sede da entidade.

Turmas regulares – O Instituto Confúcio na Unesp oferece ainda os seguintes cursos regulares no segundo

semestre: Básico 1: sábado, das 10 h às 12 h, e quinta-feira, das 7 h às 9 h; Básico 2: quarta-feira, das 19 h às 21 h. A taxa de matrícula é de R\$ 45 e o módulo pode ser pago em cinco parcelas de R\$ 180 ou R\$ 900 à vista.

Reservas e inscrições podem ser feitas pelo telefone (11) 3107-2943 ou info@institutoconfucio.unesp.br. O programa completo e mais informações sobre o Instituto estão disponíveis em www.institutoconfucio.unesp.br

O instituto – Com sede central em Pequim, o Instituto Confúcio é um órgão ligado ao Ministério da Educação, representado pelo Escritório Nacional da China para o Ensino da Língua Chi-



Vaso da dinastia Shong; olhos com opóio de imagens

nesa como Língua Estrangeira e pelo Departamento para Assuntos do Instituto Confúcio, um órgão do Conselho Internacional da Língua Chinesa.

A difícil adoção por homossexuais

Obra analisa visão de psicólogos que avaliam pedidos de casais do mesmo sexo para criar filhos

Parque dos noscentes, David Hockney

A princípio, pela lei, qualquer pessoa solteira e sem filhos, seja hetero ou homossexual, pode adotar crianças. No entanto, o julgamento do pedido de adoção com frequência acaba levando em conta a orientação sexual dos candidatos. A análise dessa questão complexa gerou o livro *Adoção por Homossexuais – a família homoparental sob o olhar da psicologia jurídica*, de Ana Cláudia Bortolozzi Maia e Mariana de Oliveira Farias (Editora Juruá, 248 páginas, R\$ 54,90).

“O psicólogo jurídico descobre a motivação do solicitante de querer ser pai, seja ele homossexual ou não”, explica Ana Cláudia, professora da Faculdade de Ciências (FC), campus de Bauru, orientadora da dissertação de mestrado de Mariana que deu origem à obra. Esse psicólogo, então, segundo a docente, prepara um laudo que auxilia o juiz em sua decisão.

O trabalho analisa o nível de capacitação desses especialistas para tratarem de pedidos de adoção feitos por casais homossexuais. Os primeiros quatro capítulos do livro apresentam um histórico da homossexualidade, as concepções tradicionais e alternativas do que é uma família, os mitos sobre a adoção por homossexuais e os procedimentos legais para a adoção no Brasil. Em seguida, são apresentados os depoimentos de onze psicólogos jurídicos do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, a partir de entrevistas feitas por Mariana. O restante da obra é dedicado à análise dos depoimentos.



Ana Cláudia (acima) e Mariana: candidatas a pais enfrentam preconceitos

No Brasil, há apenas quatro casos em que a solicitação de adoção por homossexuais foi atendida. Ana Cláudia percebe um rigor maior com casais formados por pessoas do mesmo sexo. “Às vezes a preocupação é legítima, mas ninguém pergunta a um casal heterossexual que vai adotar se vai mesmo ficar junto”, diz.

Os psicólogos também temem que a criança adotada por homossexuais sofra preconceito, de acordo com a docente da FC. Ela argumenta, porém, que a criança

já sofre discriminação por ser adotada. Existe ainda a dúvida se um casal homossexual com filhos é uma família. “A lei tem uma concepção conservadora de família”, diz Ana Cláudia. “Muitos juízes acreditam que é melhor a criança crescer em um orfanato.”

Igor Zolnerkevic



SERVIÇO SOCIAL

Revista aborda questões sociopolíticas

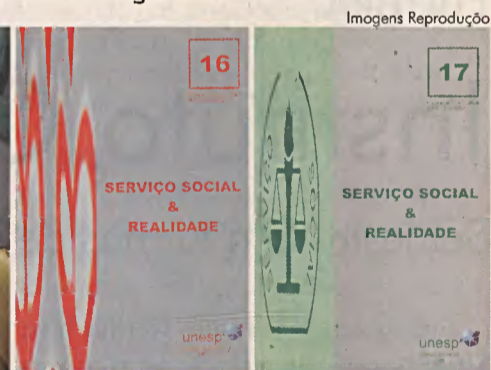
Números recentes reúnem artigos de pesquisadores do campus de Franca e instituições de todo País

Publicada pela Faculdade de História, Direito e Serviço Social (FHDSS), campus de Franca, a revista *Serviço social & realidade* reúne artigos marcados pela abordagem plural de temas da área, como educação, mundo do trabalho e políticas públicas e sociais.

A edição de número 17 (436 páginas; R\$ 10,00) mostra reflexões de 18 autores, 13 deles integrados a diferentes cursos e faculdades do país e cinco do corpo docente e discente do Programa de Pós-Graduação de Serviço Social (PGSS), da FHDSS. “Trata-se de um espaço de socialização da expressiva produção científica da unidade”, diz Cláudia Maria Dahler Cosac, coordenadora do PGSS, comentando a revista.

O texto que abre o volume é de Pedro Demo, docente da Universidade de Brasília. Ele assinala que a sociologia não é a “rainha das ciências”, mas lhe dá especial destaque, sem desprezar antropólogos, psicólogos, economistas, cientistas políticos, assistentes sociais e historiadores.

Outro tópico abordado é o de representações sociais da qualidade de vida na velhice para um grupo de idosos do Projeto Geração de Ouro da Universidade Católica de Brasília, escrito por Vicente de Paula Faleiros, pesquisador dessa instituição, e pela psicóloga Kádja Azevedo Afonso. Também são es-



Atendimento em Serviço Social no campus de Franca e as capas das duas edições da publicação

tudadas, por Maria das Graças de Gouvêa, da Universidade do Vale do Paraíba, questões relativas a estágio, supervisão e trabalho profissional.

Julio César Torres, do Centro Universitário Moura Lacerda, enfoca a avaliação do Programa Bolsa-Família e sua contrapartida educacional, enquanto Ana Cristina Brito Arcoverde, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), discute o serviço social e a questão social na globalização.

Mestrando pela Universidade Federal de Santa Catarina, Gustavo Meneghetti escreve sobre a questão social no capitalismo dependente, enquanto Ma-

ria José de Oliveira Lima, do Centro Universitário da Fundação Educacional de Barretos, analisa a responsabilidade social empresarial.

A publicação número 16 (312 páginas; R\$ 10,00) tem como texto inicial uma reflexão de Ana Cristina de Souza Vieira, da UFPE, sobre o direito à vida no âmbito das políticas sociais. Ela ressalta o papel do Estado na promoção de políticas sociais, além da relação entre direitos e políticas sociais e o envolvimento do assistente social na sua garantia.

Informações: publica@franca.unesp.br

Oscar D'Ambrosio

Retrato de Machado quando jovem

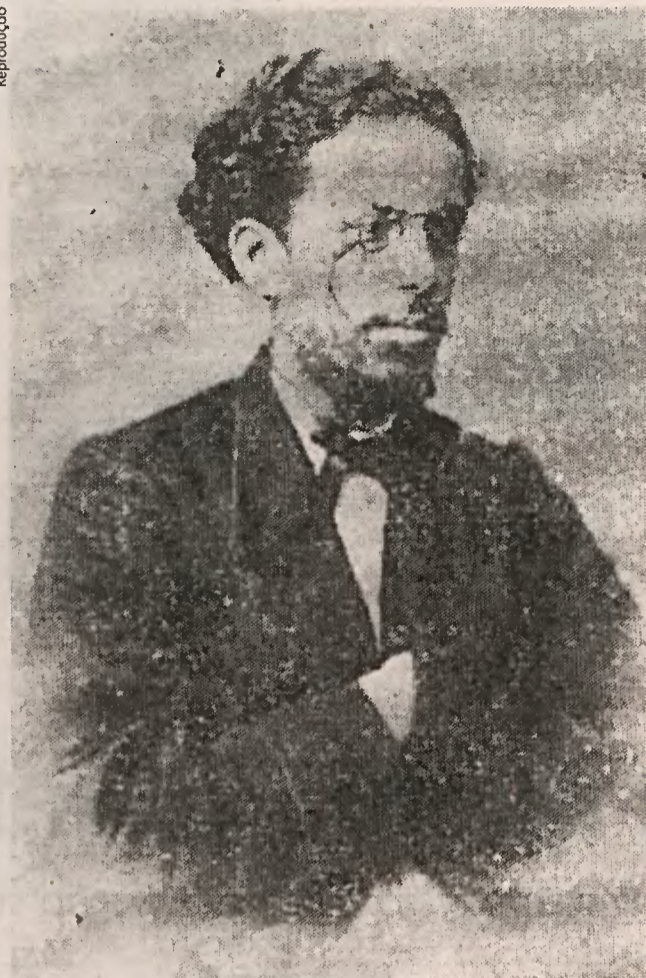
Estudo clássico de Jean-Michel Massa sobre escritor brasileiro ganha segunda edição revista no País

OSCAR D'AMBROSIO

A vida, a obra e o tempo são os três principais eixos de *A juventude de Machado de Assis (1839-1870) – ensaio de biografia intelectual*, de Jean-Michel Massa. Esta segunda edição revista, publicada quase 40 anos após a primeira, traz um livro considerado pelo crítico literário Antonio Candido como “um dos mais importantes que se escreveram sobre qualquer aspecto da literatura brasileira”.

Professor titular emérito da Universidade de Rennes 2, Massa põe em evidência o início da vida literária de Machado de Assis, mostrado na busca de sua própria voz. Isso o levou a passar pela poesia filosófica, o canto patriótico, a literatura de caráter social e a crônica. Lançava, como aponta Massa, “balões de ensaio para descobrir quem era”.

Definido pelo próprio pesquisador francês como uma “biografia intelectual, espiritual e histórica”, o livro estuda como Machado, que viveu de 1839 a 1908, adquiriu uma distância em relação a si mesmo e à sociedade. Na primeira parte, são abordadas a infância e a adolescência, as primeiras poesias (1855-1856) e os passos iniciais na prosa (1856-1858), assim como seus amigos no período. Em seguida, o engajamento social é focalizado com estudos das intervenções de Machado no *Correio Mercantil* e no *Paraíba*, entre 1858 e 1859, na publicação *O espelho* (1859-1860),



Reprodução

além do ofício de jornalista n’*O Diário do Rio de Janeiro* (1860-1862).

As facetas do homem de teatro, contista (1864-1869), e o reconhecimento como crítico literário por José de Alencar, em 1868, também merecem reflexão. O mesmo acontece com a publicação de *Contos fluminenses*, no ano seguinte, considerada por Massa “um passo à frente”, entre outros fatores, por não reunir textos “realistas em nenhum sentido do termo”.

Referências históricas precisas, amizades, atividade política, a união com a esposa Carolina, entre outras informações, tornam a pesquisa do ensaísta francês um mergulho denso e aprimorado no mundo mental e literário de Machado. Esse mito da literatura brasileira é visto quando tinha menos de 30 anos, sem livros importantes escritos e sem a notoriedade grandiosa no meio literário que o futuro lhe reservaria.

A juventude de Machado de Assis (1839-1870) – ensaio de biografia intelectual – Jean-Michel Massa; Editora Unesp; 582 páginas; R\$ 70. Informações: www.editoraunesp.com.br ou telefone (11) 3242-7171.



CULTURA

Vida, sonho e decepções nos anos 1980

Autor relata com bom humor experiências de viagem por comunidades alternativas do Brasil

A vida tem pouca graça sem dois elementos: o mistério e o sonho. Ambos são retomados em *Viagem ao mundo alternativo: a contracultura dos anos 80*. O livro parte de uma experiência ímpar. Em 1986, o autor, Cesar Augusto de Carvalho, saiu de Marília (SP) para a região da Amazônia, munido de uma moto e algumas peças de roupa.

O objetivo era investigar as comunidades alternativas que se estabeleciam pelo Brasil nos anos 1980. Foram seis meses de viagem, em que ele penetrou na intimidade de uma juventude que, em tese, não se opunha à cultura do momento, mas buscava soluções para uma vida melhor.

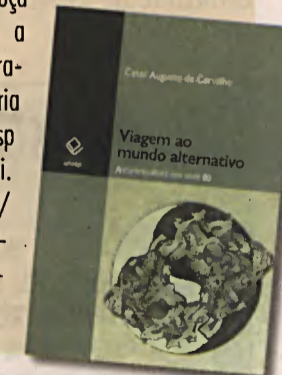
O mergulho nas sociedades propostas por jovens de classe média, que abandonavam a vida urbana para encarar outras formas de entender e perceber o mundo, trouxe mais decepções que alegrias. Carvalho narra, com bom humor, como os ideais que procurava não existiam.

Professor da Universidade Estadual de Londrina, o autor, formado pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo, mestre em Sociologia pela Unicamp e doutor em História pela Unesp, câmpus de Assis, discute as mais diversas facetas da contracultura, como alternativas de medicina, alimentação, drogas e o Santo Daime.



Topo do Aelggi, Franz Gertsch

Viagem ao mundo alternativo: a contracultura dos anos 80 – Cesar Augusto de Carvalho; Coleção PROPG; Editora Unesp; 286 páginas; R\$ 43. Informações: www.editoraunesp.com.br ou telefone (11) 3242-7171. Ouça entrevista com o autor na programação Perfil Literário da Rádio Unesp FM (http://aci.reitaria.unesp.br/radio/perfil_literaria_sab_a_numero_76_PL).



Conclui que a falta de experiência agrícola, as mudanças radicais de comportamento sexual e familiar e as condições materiais precárias comprometeram as sociedades comunitárias no Brasil. Sua viagem resulta no panorama de um mundo que vivia à sombra da Guerra Fria, onde o mistério e o sonho nem sempre conseguiram construir seu lugar.

A jornada poética de Carvalho apresenta a sín-

tese de uma diversidade de soluções e temas fundamentais nos anos 1980. Acima de tudo, estimula a ver o sonho do outro como espelho do nosso. Ao conhecer esses universos alheios, o sociólogo adensou seu próprio sonho, às vezes mais recôndito, às vezes mais evidente, mas portador do poderoso fluir da seiva da vida.

O.D.

Equipe vence competição da Microsoft

Dupla conquista primeiro lugar na categoria Design da Imagine Cup, disputa internacional no Egito

Alexandre Nacari e Henrique Perticarati, alunos do curso de Desenho Industrial da **Unesp** de Bauru, conquistaram o primeiro lugar na categoria Design da Imagine Cup, competição internacional organizada pela Microsoft. Pela vitória, após cinco dias de disputas no Cairo (Egito), em julho, eles receberam US\$ 8 mil.

Os estudantes, estagiários do Laboratório de Tecnologia da Informação Aplicada (Ltia) da Faculdade de Ciências (FC), formaram a equipe Willburn. A dupla precisou criar um projeto de interface baseado no tema da competição, voltado para o papel da tecnologia na resolução dos problemas do planeta.

A Willburn desenvolveu o projeto Cheops, para ajudar na alfabetização de crianças. Alexandre e Henrique usaram como referência a mesa do Museu da Língua Portuguesa, em que o usuário pode juntar letras e sílabas para formar palavras. A partir daí, apare-



Alexandre e Henrique, da equipe Willburn, receberam US\$ 8 mil por projeto de alfabetização de crianças em que letras podem ser substituídas por números



ce uma animação explicando a etimologia do vocábulo formado. No projeto Cheops, as letras podem ser substituídas por números, elementos químicos ou outros símbolos, de acordo com a matéria pedagógica.

Cerca de 300 estudantes participaram da disputa, em diversas categorias. Desse total, 22 eram brasileiros, que tiveram três equipes entre as vencedoras. Outros dois grupos de estudantes da **Unesp** de Bauru obtiveram boas colocações. A OpenLab, formada pelos estagiários do Ltia Bianca Bertoni, Pedro Cavalcá e Thiago Fabre, que cursam Ciências da Computação, e João Franco, do curso de Sistemas de Informação, ficou entre as 12 melhores equipes na categoria de Dispositivos Embarcados. Formada por Claudia Daher e Thalita Hayata, do curso de Desenho Industrial, a Casa Amarela ficou entre as seis melhores na categoria Filme de Curta Metragem.

COMUNICAÇÃO

Evento premia quatro projetos de Bauru

Revista, site jornalístico, documentário em vídeo e filme de ficção se destacam na Expocom Sudeste

Quatro projetos da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac), do câmpus de Bauru, foram premiados na edição 2009 da Expocom Sudeste (Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação), em maio, no Rio de Janeiro.

Na categoria Revista Impressa, o primeiro lugar foi da revista *Paralela*, das ex-alunas de jornalismo da Faac Natália Barrenha, Natália Tamaio e Maria Emanuela Alves, formadas em 2008. "A revista é voltada ao público feminino e tem uma abordagem livre, sem editoriais, o que permite mais liberdade no processo criativo", declara Natália Barrenha.

Já na categoria Site Jornalístico, o premiado foi *Toque da Ciência*, composto de pequenos programas radiofônicos veiculados na *Rádio Unesp*, *Rádio Unesp Virtual* e na *Rádio MEC*. "Esse prêmio incentiva ainda mais a dedicação ao projeto", afirma a estudante de Jornalismo Aline Naoe.



Dois exemplares da revista *Paralela* e o filme de ficção *Cartas a um irmão*: criações ganharam destaque no encontro da Ria de Janeiro

O documentário *Segunda via - Bauru em busca de uma nova identidade* foi o ganhador da categoria Documentário em Vídeo. Segundo as estudantes de Jornalismo Natália Gatto e Pâmela Faria, envolvidas na criação e produção do documentário, o objetivo foi mostrar a falta de identidade de Bauru, abordando temas que tornaram a cidade conhecida - a Ferrovia Noroeste Paulista, o lanche Bauru, a leishmaniose e o prostíbulo "Casa da Eny".

Na categoria Filme de Ficção, o primeiro lugar foi para o curta-metragem *Cartas a um irmão*, produzido por dez alunos de Rádio e TV. No filme, a personagem Beatriz envia cartas a seu irmão Cláudio. "Beatriz vive em dois mundos - o real, no qual ela vive num sanatório, e o imaginário, em que ela pensa ter uma vida normal", conta a diretora do curta, Natália Torres.

Eloiza Cristina Fontes Vieira, bolsista **Unesp/Universia/Faac/Bauru**



EVENTOS

- 14 a 15/08 - Botucatu.** I Expo-Extensão. Na FCA. Informações: <http://www.inscricoes.fmb.unesp.br/principal.asp>
- 15/08/2009 a 19/07/2011 - Jaboticabal.** Curso de Especialização em Anestesiologia. No câmpus. Informações: www.funep.com.br/eventos
- 16 a 22/08 - Presidente Prudente.** Semana do Folclore. No câmpus. Informações: (18) 3229-5388, www.fct.unesp.br
- 17 a 21/08 - Marília.** III Seminário Científico Teoria Política do Socialismo – György Lukács e a Emancipação Humana. No câmpus. Informações e inscrições: (14) 3402-1303 ou saepe@marilia.unesp.br
- 17 a 21/08 - Presidente Prudente.** X Semono de Geografia – V Encontro de Estudantes de Licenciatura em Geografia. No câmpus. Informações: (18) 3229-5388, www.fct.unesp.br
- 17 a 23/08 - Botucatu.** XIII Semana da Bio. Informações: http://www.ibb.unesp.br/eventos/semana_da_bio/semonobio_principal.php
- 18 a 20/08 - Botucatu.** V Curso de Atualização em Medicina Veterinária – Animais exóticos. No anfiteatro Casa da Arte – FMVZ. Informações: http://www.fmvz.unesp.br/Eventos/an_exoticos/int_evento_exoticos.php
- 19/08 - Bauru.** I Encontro de Comunicação e Cidadania. Na sala 1. Informações: (14) 3103-6000.
- 20 e 21/08 - Jaboticabal.** Curso de Criação Racional de Tilápias. No Solo de Eventos da Funep. Informações: www.funep.com.br/eventos
- 20 e 21/08 - Presidente Prudente.** II Workshop sobre Radiação Ultravioleta e suas implicações: saúde, locais de trabalho e manutenção. No câmpus. Informações: (18) 3229-5388, www.fct.unesp.br
- 20 a 22/08 - São José do Rio Preto.** Colóquio Internacional: Literaturas e escritos do jornal, França-Brasil (1800-1930). Informações: simposiobrasil.fronco@yahoo.com.br
- 24 a 27/08 - Marília.** 7ª Semana de Relações Internacionais: "As Relações Internacionais hoje: Estadocentrismo e Desglobalização". Informações e inscrições: (14) 3402-1303 ou saepe@marilia.unesp.br
- 24 a 27/08 - São José do Rio Preto.** XXVI CIP – Colóquio de Incentivo à Pesquisa: "Tecnologia e relações interpessoais: borreiro ou aproximação?". Informações: <http://www.eventos.ibilce.unesp.br/cip2009/>
- 24 a 28/08 - Jaboticabal.** 9º Curso Teórico-Prático de Eletrocardiografia em Cães e Gatos. No Hospital Veterinário. Informações: www.funep.com.br/eventos
- 24 a 28/08 - Jaboticabal.** IV Semana da Administração. Informações: renata.strini@gmail.com
- 26/08 - Guaratinguetá.** Palestra "Estrelas", por Francisco Jablonski. Nos anfiteatros II e III das 18 h às 19 h. Informações: www.feg.unesp.br/~orbital
- 27 a 29/08 - Bauru.** II Simpósio de Microbiologia e Imunologia. Informações: sueli@fc.unesp.br
- 28/08 - São Paulo.** II Workshop Nutrição de Suínos. Às 8 h. Informações: www.iz.sp.gov.br ou (19)3466-9413.
- 28 e 29/08 - Jaboticabal.** Curso: Interpretação do Normo ISO 14001. No Solo de Eventos do Funep. Informações: www.funep.com.br/eventos
- 30/08 a 02/09 - Águas de Lindoia.** "Formação de Professores e a Prática Docente: os dilemas contemporâneos". No Hotel Majestic. Informações: <http://www.fundunesp.unesp.br/congresso/inicio.php>

Informações para esta agenda: fabianam@reitoria.unesp.br

O OUVIDOR FALA



Retrato de um dirigente

JOSÉ RIBEIRO JÚNIOR

A reunião do Conselho Universitário da Unesp do dia 27 de junho, que, entre outras matérias, aprovou o Plano de Gestão 2009-2012, teve uma das mais singelas e comoventes homenagens que já presenciamos na história da nossa universidade. Falamos da inauguração do retrato do professor Marcos Macari na Galeria dos Ex-Reitores da Unesp. Foram homenageados, também, alunos que se destacaram na Etapa Internacional do Desafio Sebrae e no Concurso Nacional de Design Automotivo. Lotavam a sala do CO os membros da comunidade unespiana, representados por seus conselheiros, fundações e convidados especiais, entre eles o secretário de Estado do Ensino Superior, Carlos Vogt. A Orquestra Acadêmica da Unesp executou peças suaves e sensíveis. Houve as falas do vice-reitor, Julio Cezar Durigan; do diretor da Faculdade de Medicina, Sérgio Müller, em nome do Conselho; do secretário Vogt; e do atual reitor, Herman Voorwald. Macari foi destacado em suas virtudes de homem público e administrador acadêmico de ilibada conduta em seus quatro anos de mandato. Não poderíamos deixar de manifestar, entretanto, nossa impressão pessoal de alguns enfoques que retratam o homem e a instituição. O doutor Sérgio Müller destacou a forma de ser do ex-reitor, enquanto apreciador da

pesca e da prática do futebol. O gosto pela pescaria, aliás, deu-lhe o traço de perseverança, tranquilidade, bom senso e bom humor. O gosto pela disputa esportiva rendeu-lhe a disposição da concorrência e da vitória. O secretário Vogt, poeta consagrado, fez pura poesia ao reconhecer na característica interiorana do homenageado o traço da "alma caipira", no seu puro e positivo significado. E, para coroar um evento que contava com a presença da família do retratado – mãe, filhos, netos e esposa –, o reitor Herman reafirmou que uma instituição não se constrói somente com o trabalho diuturno, elemento indispensável, sendo também necessário impregnar nele o amor e o carinho pela comunidade. Essa foi a forma como vimos e sentimos a cerimônia. É uma visão romântica ou onírica? O leitor julgue, porque é a nossa forma de ser desde que iniciamos nossa vida acadêmica. Há alguns anos, algumas unidades não tinham o hábito de homenagens desse tipo. Mas são essas cerimônias que criam a tradição do reconhecimento pelo trabalho prestado. Nem sempre se concorda com tudo o que faz um dirigente, mas o professor que abandona, por algum tempo, o seu laboratório para cumprir uma função administrativa merece o respeito e a estima dos seus colegas pesquisadores, estudantes e servidores.

Eliana Assumpção



unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

- Reitor: Herman Jacobus Cornelis Voorwald
- Vice-reitor: Julio Cezar Durigan
- Pró-reitor de Administração: Ricardo Samih Georges Abi Rached
- Pró-reitor de Pós-Graduação: Marilza Vieira Cunha Rudge
- Pró-reitor de Graduação: Sheila Zambello de Pinho
- Pró-reitor de Extensão Universitária: Maria Amélia Máxima de Araújo
- Pró-reitor de Pesquisa: Maria José Soares Mendes Giannini
- Secretária-geral: Maria Dalva Silva Pagotto
- Chefe de Gabinete: Carlos Antonio Gamero
- Assessor-chefe do Assessoria de Comunicação e Imprensa: Maurício Tuffani
- Assessor-chefe do Assessoria de Informática: Alberto Antonio de Souza
- Assessor-chefe da Assessoria Jurídica: Edson César dos Santos Cabral
- Assessor-chefe de Planejamento e Organização: Trajano Pires da Nóbrega Neto
- Assessor-chefe de Relações Externas: José Celso Freire Júnior
- Assessor Especial de Planejamento Estratégico: Rogério Luiz Buccelli
- Diretores/Coordenadores-executivos das Unidades Universitárias: Pedro Felício Estrada Bernabé (FO-Araçatuba), Sandro Roberto Valentim (FCF-Araçatuba), José Claudio Martins Segalla (FO-Araçatuba), José Luis Bizelli (FCL-Araçatuba), José Roberto Ernandes (IQ-Araçatuba), Mário Sérgio Vasconcelos (FCL-Assis), Roberto Deganutti (FAAC-Bauru), Henrique Luiz Monteiro (FC-Bauru), Alcides Padilha

(FE-Bauru), Edivaldo Domingues Velini (FCA-Botucatu), Sérgio Swain Müller (FM-Botucatu), Renato Eugênio da Silva Diniz (IB-Botucatu), Luis Carlos Vulcano (FMVZ-Botucatu), Mário de Beni Arrigoni (Dracena), Ivan Aparecido Manoel (FHDSS-Franca), Júlio Santana Antunes (FE-Guaratinguetá), Wilson Manzoli Júnior (FE-Ilha Solteira), Marcos Tadeu Tibúrcio Gonçalves (Itapeva), Raul José da Silva Girio (FCAV-Jaboticabal), Mariângela Spoti Lopes Fujita (FFC-Marília), Paulo Fernando Cirino Mourão (Ourinhos), João Fernando Custódio da Silva (FCT-Presidente Prudente), Sérgio Hugo Benez (Registro), Luiz Carlos Santana (IB-Rio Claro), Antonio Carlos Simões Pião (IGCE-Rio Claro), Rosângela Custódio Cortez Thomaz (Rosana), Carlos Roberto Ceron (IBILCE-São José do Rio Preto), José Roberto Rodrigues (FO-São José dos Campos), Marcos Fernandes Pupo Nogueira (IA-São Paulo), Marcos Hikari Toyama (CLP-São Vicente), Antônio César Germano Martins (Sorocaba) e Gessuir Pigatto (Tupã).



Governador: José Serra
SECRETARIA DE ENSINO SUPERIOR
Secretário: Carlos Vogt

Jornal unesp

- Coordenador de imprensa: Oscar D'Ambrosio
- Editor: André Louzas
- Redação: Daniel Patire, Genira Chagas, Igor Zolnerkevic e Julio Zanella
- Programação Visual: RS PRESS Editora
- Edição de arte: Leonardo Fial (RS PRESS)
- Diagramação: Gabriel Rabesco e Fernando Almeida (RS PRESS)
- Colaboraram nesta edição: Danilo Koga (texto e fotografia); Eliana Assumpção e Noélia Ipê (fotografia)
- Revisão: Maria Luiza Simões
- Produção: Mara Regina Marcato
- Assessor Administrativo: Thiago Henrique Lúcio
- Tiragem: 25.000 exemplares
- Este jornal, órgão da Reitoria da Unesp, é elaborado mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa (ACI). A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte.
- Endereço: Rua Quirino de Andrade, 215, 4º andar, Centro, CEP 01049-010, São Paulo, SP. Telefone: (11) 5627-0323.
- Home page: <http://www.unesp.br/jornal/>
- Fatalita e Impressão: Arte Brasilis

Cem anos de imigração em São Paulo



Famílias na Hospedaria dos Imigrantes, na primeira década da século XX

Coleção Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Estado de São Paulo, Centro de Memória do Unicamp

Atlas revela, com mapas e dados demográficos, situação de estrangeiros de 1850 a 1950

O *Atlas da imigração internacional em São Paulo 1850-1950*, publicado em parceria pela Editora Unesp e a Fapesp, focaliza a experiência migratória no Estado com informações demográficas e socioeconômicas sobre a população estrangeira no período. O livro destaca ainda dados sobre escravos na época imperial, embora não tenha sido possível distinguir, pela carência de fontes, a população negra no Brasil pós-abolicionista.

As principais fontes são os recenseamentos nacionais e regionais do Império (1854, 1872 e 1886) e da República (1920, 1934, 1940 e 1950). Os dados são distribuídos pelos municípios paulistas e agregados em gráficos e pirâmides etárias. “Os recenseamentos de 1890 e 1900 enfrentaram uma série de problemas que afetaram a sua execução e publicação, comprometendo as informações”, esclarece a historiadora Maria Silvia C. Beozzo Bassanezi, da Unicamp, uma das autoras da obra.

Ana Silvia Volpi Scott, da Universidade do Vale

Os livros

As publicações *Atlas da imigração internacional em São Paulo 1850-1950* (144 páginas; R\$ 140); *Roteiro de fontes sobre a imigração em São Paulo 1850-1950* (320 páginas; R\$ 50) e *Repertório de legislação brasileira e paulista referente à imigração* (136 páginas; R\$ 40) estão no bojo do projeto “Migração, humanismo latino e territorialidade na sociedade paulista 1850-1950”, financiado pela Fondazione Casamarca, no âmbito do projeto “Brasil latino”, desenvolvido no Núcleo de Estudos da População (Nepo) da Unicamp.

do Rio dos Sinos, e Carlos de Almeida Prado Baccellar, da USP, ambos historiadores, e o cientista social Oswaldo Mário Serra Truzzi, da Universidade Federal de São Carlos, coautores da publicação, destacam que comentários de aspectos de cada época acompanham os mapas e gráficos.

Para a confecção dos mapas temáticos, foi elaborado um desenho da malha municipal paulista para cada ano do censo populacional, incorporando outras estatísticas, como as do acesso à propriedade rural entre estrangeiros.

A importância dos europeus – O *Atlas* e as duas publicações que o acompanham (*veja quadro*) verificam como, a partir da segunda metade do século XIX, o imigrante passou a desempenhar um papel cada vez mais relevante no Estado. Os fazendeiros paulistas, perante a escassez de oferta de escravos, optaram pela importação do trabalhador europeu, disposto a se deslocar para as Américas em função das dificuldades no Velho Mundo.

No Estado de São Paulo, o senador Nicolau Vergueiro, na década de 1840, foi o pioneiro na experiência de importar trabalhadores portugueses, alemães e suíços para sua propriedade em Limeira. “O tecido social paulista, com a imigração internacional, tomou uma feição própria e singular no contexto nacional”, acredita Ana Silvia.

Os imigrantes, após uma viagem que podia durar até quatro semanas, eram desembarcados no porto de Santos. Depois iam de trem até a Hospedaria dos Imigrantes, na capital paulista, ali permanecendo até serem contratados por agentes de fazendeiros.

“Nesse panorama, de início, os italianos predominaram amplamente, constituindo mais da metade dos estrangeiros na capital no começo do século XX. Em seguida, imigrantes de outras origens (portugueses, espanhóis, japoneses, alemães,

Publicação tem duas obras complementares

O *Atlas da imigração internacional em São Paulo 1850-1950* é publicado com duas obras complementares. A primeira é o *Roteiro de fontes sobre a imigração em São Paulo 1850-1950*, que aponta as imensas possibilidades de pesquisa dos principais arquivos do Estado. Foram selecionados o Arquivo do Estado de São Paulo, o Memorial do Imigrante, a Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade), o Instituto Agrônomo de Campinas e o Arquivo Edgard Leuenroth, da Unicamp.

A segunda obra complementar é o *Repertório de legislação brasileira e paulista referente à imigração*. Ela surgiu da constatação de que a legislação vinculada ao tema não se encontrava sistematizada e não estava facilmente disponível aos pesquisadores.

O levantamento compreendeu a legislação colonial, imperial/federal e provincial/estadual entre 1747 e 1961. “O resultado é fruto de um demorado e exaustivo levantamento de fontes impressas, que inclui legislação de regulamento do fluxo imigratório e de criação de núcleos coloniais, além de dados sobre verbas orçamentárias destinadas à imigração e leis de regulamentação da vida do imigrante no Brasil”, comenta Bassanezi.

O.D.

sírios, libaneses e judeus, entre outros) foram conformando certa pluralidade cultural paulistana”, conclui Bassanezi.

Oscar D’Ambrosio

